



ANALIS DA XII SEMANA DE EDUCAÇÃO

TANIA MARA TAVARES DA SILVA

**Educação Democrática
e Movimentos Sociais**

12 a 18 de junho de 2023



Coordenação:

Profa. Paloma Rezende de Oliveira

Prof. Carlos A. Diniz Júnior

S471 Semana de Educação Tânia Mara da Silva: Educação democrática e movimentos sociais, (12. : 2023 : Rio de Janeiro, RJ).
 Anais \ XII Semana de Educação Tânia Mara da Silva: Educação democrática e movimentos sociais, Rio de Janeiro, 12 a 18 de junho ; Coordenação: Paloma Rezende de Oliveira e Carlos Henrique Diniz Junior. – Rio de Janeiro : UNIRIO/PROExC, 2023.
 1 ebook (67 p.) : il.

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Democracia e educação. I. Oliveira, Paloma Rezende de II. Diniz Junior, Carlos Henrique. III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. IV. Título.

CDD – 370

ISBN: 978-65-01-02322-9



Apresentação

Mais um ano em que festejamos nossos saberes, por meio de conversas com as quais aprendemos sobre nossas práticas e limites, e traçamos parcerias possíveis em defesa/construção de uma educação democrática. Aqui apresentamos um esforço coletivo, organizado e potencializado pela dedicação dos docentes Paloma Rezende de Oliveira, do Departamento de Fundamentos da Educação, e Diniz Junior, do Departamento de Didática, na condução de mais esse evento que marca a história da Escola de Educação Unirio. Os dois professores trabalham com o estudo de políticas educacionais e deram o tom de comemoração da democracia à nossa Semana, que ocorreu entre 12 e 18 de junho de 2023.

A retomada, em 2011, deste processo de diálogo chamado *Semana de Educação*, que nos provoca a compartilhar o que temos aprendido nas salas de aula, nas práticas extensionistas e de pesquisa, teve a participação de uma professora que dá nome a Semana: Tânia Mara Tavares da Silva. A professora atuava junto ao Departamento de Fundamentos da Educação, com, entre outros, o componente de Dinâmica e Organização da Educação Brasileira (DINO) e seu empenho em organizar várias Semanas de Educação, seu sorriso constante combinava com o espírito alegre que imprimiu aos nossos *festejos de saberes*, grande ato que as Semanas nos provocam. Vitimada por problemas respiratórios decorrentes de uma gripe, ela faleceu em 18 de abril de 2016. Desde então, a Escola a homenageou dando o seu nome às Semanas de Educação que se seguiram.

Em 2023, estes festejos se debruçaram sobre estudos brincantes, aprofundamentos teóricos, ações contra hegemônicas, práticas reflexivas sobre inclusão, possibilidades educacionais com tecnologias contemporâneas e, como centralidade, as possibilidades destes estudos teórico-práticos para a democratização presente. Viver uma Semana de Educação que afirma a democracia, em um momento em que projetos autoritários e conservadores tentam conter e retirar direitos sociais mundo afora e não apenas no Brasil, nos permitiu afirmar processos educacionais dialógicos, críticos e participativos como parte dos instrumentos para superar projetos excludentes e autoritários.

Estes *fazeres* estão registrados nestes ANAIS. Todos contribuem com a construção de uma educação democrática e ajudam a desconstruir às práticas autoritárias que vivenciamos na sociedade brasileira.

Parabéns a todas as pessoas que contribuíram com o evento, fazendo-se presentes para, nas conversas desencadeadas, afirmar nossas possibilidades, reconhecer nossas dificuldades e assim compartilharam conosco a afirmação da democracia.

Andréa Rosana Fetzner – Diretora da Escola de Educação



SUMÁRIO

SENSIBILIZAR (COM) O COTIDIANO: CONVITE AO CORPO EM MOVIMENTO

Adrienne Ogêda Guedes
Léa Velocina Vargas Tiriba
Gabriela Elmôr Gonçalves
Isis Cavalcante do Nascimento
Vitoria Leite Alencar
P. 10

QUEM SOU EU SEM SER SELFIE – OFICINA DE IMAGENS

Aline Araújo Lewenkopf
Ana Clara Silva Lemos
Andrea Martelo
Caroline Maria de Jesus Martins
Cláudia Braga Andrade
Mariana Sousa Damico
Regina Celia Lopes Affonso
P.12

SARAU ERÓTICA: CORPAS PENETRANTES

Aline Sampaio Alli
Márcia Vitor
Mônica Soraya Alves Ramos Teixeira Ervilha
P.14

DERRUBANDO BARREIRAS: INCLUSÃO NA UNIRIO

Ana Carolina Dias de França
Maria Alice de Moura Ramos
P.15

INFÂNCIAS EM ESPAÇOS ESCOLARES DA CIDADE E DO CAMPO, DE TERRITÓRIOS ORIGINÁRIOS E TRADICIONAIS BRASILEIROS

Ana Lúcia Rodrigues da Silva
Giovana Vieira Barge
Isis Cavalcante do Nascimento
Joice Caralho Coutinho
Léa Tiriba
Mariluze Sobrinho
P.17



PROFESSOR, FRAÇÃO É NÚMERO?

Ana Maria Carneiro Abrahão
Leo Akio Yokoyama
Maria Luíza Santos Cosme
Silvana Pires Fonseca Mandarinó
Sílvia Andrade da Costa Arantes
P.19

OFICINA O QUE ROLA POR AÍ?

Andréa Rosana Fetzner
Luiz Claudio Rodrigues Torres
P.21

O POTENCIAL PEDAGÓGICO DA SALA DE TUTORIA

Anelize Pires Reynoso da Silva
Simone de Oliveira Coelho
Fernanda Bittencourt Novato
P.23

RODA DO NUDES: CONVERSAS SOBRE DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO

Bruno Rodrigues Ganem
Carolina Romanazzi Freire
P.27

IMPACTOS DO NOVO ENSINO MÉDIO AO DIREITO À EDUCAÇÃO: FORTALECENDO O DIÁLOGO PARA ENFRENTAR RETROCESSOS

Carolina Romanazzi Freire
Júlia Fialho Soares
P.25

COMO É ESTAR NA ESCOLA HOJE? REFLEXÕES SOBRE AS AMEAÇAS E ATAQUES CONTRA A ESCOLA

Cláudia Braga Andrade
Andrea Martello
P.28

QUAL O LUGAR QUE A ESCOLA/ESCOLARIZAÇÃO OCUPA NA VIDA DAS PESSOAS?

Claudia Fernandes
Amanda Barcellos
Andrea Tubbs
Andréa Villela
Áurea Cristina Ramos de Novaes



Crizan Sasson
Elisete Sabino
Flavia Assis
Gilberlan Cruz Souza
Luiza Bouzon
Nizia Ponte
P.30

ABORDAGENS DE PESQUISA: QUANDO E COMO USAR?

Daniela Reis Freitas Pontíficia
Anelize Pires Reynozo
Ingrid Lane
P.33

O DIREITO AO OLHAR: POSSIBILIDADES ESTÉTICAS DE TRADUÇÃO DE IMAGENS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Dagmar de Mello e Silva
Margareth de Oliveira Olegário Teixeira
Ana Cristina Teixeira Prado
P.35

OFICINA DE JONGO NA SEMANA DE EDUCAÇÃO UNIRIO

Dayana da Silva Ferreira
Ana Paula de Araújo Gomes Carvalho
P.36

DESEMBARALHANDO A EDUCAÇÃO: JOGOS DA MEMÓRIA PEDAGÓGICOS

Diego Marinho Luiz
Pablo Ramos
P.38

OFICINA DE PODCAST- DA PRÉ-PRODUÇÃO À DISTRIBUIÇÃO

Fernanda Cavalcanti de Mello
Maristela Petry Cedeira
P.39

ARESSONÂNCIA DO MUSEU EM SALA DE AULA: VISITA AO MUSEU JANETE COSTA

Gisella V. Mello
P.40



**ARESSONÂNCIA DO MUSEU EM SALA DE AULA:
VISITA AO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**

Gisella V. Mello
P.42

**ESCOLAS CHARTER E CONTRATOS DE GESTÃO NA EDUCAÇÃO:
MAPEAMENTO DAS PROPOSTAS DE PRIVATIZAÇÃO DA GESTÃO DAS
ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL**

Henrique Dias Gomes de Nazareth
Aline Vitória Ramos da Silva Santos
Andressa de Oliveira Brandão
Fabricia Osanai Pires
P.44

PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: TEMAS EMERGENTES EM REALIDADES COMPLEXAS

Larissa Melo Mendes
Joyce Simão da Silva Donegat
Tiago Affonso Fernandes Cunha
P.46

**CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO E AFETO: NARRATIVAS DOCENTES
SOBRE O ENSINO REMOTO E SEUS REFLEXOS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA
DOCENTES**

Liz Regina Silveira Barbosa
Suzane Moraes da Veiga
Hosana do Nascimento Ramôa
P.47

**INTERSEÇÕES ENTRE ESTADO E SOCIEDADE CIVIL NA GARANTIA DE
DIRETOS DE CIDADANIA NUMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA**

Luiz Carlos de Souza
Olívia Maria Costa Silveira
Maria Alice de Moura Ramos
P.49

SARAU EXPRESSÕES POÉTICAS

Marcela Afonso Fernandez
P.51



DIMENSÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO RACISMO AMBIENTAL

Mônica Soraya Alves Ramos Teixeira Ervilha

Cristiane Alexandre da Silva

P.53

TRANSIÇÕES ENTRE ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE ACOLHIMENTO DOS ESTUDANTES NA PASSAGEM DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Olivia Maria Costa Silveira

P.55

AS MULHERES NO ENSINO SECUNDÁRIO: PRESENÇA FEMININA NO COLÉGIO PEDRO II

Paloma Rezende de Oliveira

Nailda Marinho da Costa

Elisabeth Monteiro da Silva

Fernando dos Santos Silva

Luciana Borges Patroclo

Hugo José Coelho Corrêa de Azevedo

Matheus Gonçalves de Souza

Maria Raquel Riehl de Carvalho

Nicole Cordeiro Ribeiro Schmitt Cunha

Diana Silveira Firmo Negraes

P.57

FEIRA DE CULTURA: EDUCAÇÃO E ECONOMIA POLÍTICA

Paloma Rezende de Oliveira

Lilyan Pereira Moreira

Thais Regina da Costa de Jesus

P.59

MESA REDONDA: ATUAIS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

Paloma Rezende de Oliveira

Ramon Mendes da Costa Magalhães

Amanda Moreira da Silva

P.61



DECOLONIZAÇÃO DE MUSEUS: ÓCULOS DE REALIDADE VIRTUAL COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE A ESPAÇOS CULTURAIS

Rachel Sobral de Freitas
Gabriela Elmôr Gonçalves
Catarina Menezes Medeiros
Mônica Soraya Alves Ramos Teixeira Ervilha
P.62

DIÁLOGOS ENTRE AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Regina Affonso
Monica Ervilha
P.64

GESTÃO EM FOCO: UM DEBATE SOBRE A GESTÃO ESCOLAR E OS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM

Rosângela Cristina Rocha Passos Felix
Ana Cristina Prado de Oliveira
Elisangela da Silva Bernado
P.66



SENSIBILIZAR (COM) O COTIDIANO: CONVITE AO CORPO EM MOVIMENTO

Adrianne Ogêda Guedes
adrianne.ogeda@gmail.com
Escola de Educação - UNIRIO

Léa Velocina Vargas Tiriba
lea.tiriba@gmail.com
Escola de Educação - UNIRIO

Gabriela Elmôr Gonçalves
gabrielaelmor@edu.unirio.br
Escola de Educação - UNIRIO

Isis Cavalcante do Nascimento
isis.nascimento@edu.unirio.br
PPGEdu - UNIRIO

Vitoria Leite Alencar
vitorialencar@edu.unirio.br
Escola de Educação - UNIRIO

Resumo

No dia 16 de junho, uma sexta-feira, a temperatura era amena e o céu azul se revelava entre nuvens dispersas. Naquele momento, tinha início a oficina "Sensibilizar (com) o cotidiano: convite ao corpo em movimento", proposta pela equipe da disciplina de Corpo e Movimento da graduação em Pedagogia da UNIRIO. Na turma do turno vespertino, os estudantes planejaram uma oficina para articular, a partir das vivências e referenciais teóricos da disciplina, reflexões sobre a importância de ser, sentir, movimentar e se relacionar com o mundo e com o outro na contrapartida da experiência de educação e para uma vida sem movimento (Vianna; Castilho, 2002). Assim, a metodologia integrou corpo, arte e natureza na busca por outras possibilidades na formação de educadores. Desafiamos a noção de construção de conhecimento, trazendo o corpo como principal contribuidor e desconstruindo o papel majoritário do pensamento.



Conforme chegavam à sala de aula, no lugar de mesas e cadeiras enfileiradas, os inscritos encontraram uma roda de colchonetes no chão e uma estação de bacias com água, sal grosso, pedrinhas, bolinhas de gel e flores para realização de experiências sensoriais. Ao final, o encerramento foi realizado utilizando um baralho criado por um dos alunos com foco em práticas de autocuidado discutidas em aula.

Já no turno noturno o espaço contava com mesas e cadeiras dispostas em círculo. O planejamento foi feito de forma coletiva pelos discentes, que optaram por uma leitura teatralizada. Porém, sem que os inscritos soubessem, a dinâmica se daria com breves intervenções como: chamadas de atenção, reclamações sobre o barulho ou outros tipos de incômodo presentes em uma sociedade que privilegia a disciplinarização dos corpos. O desagrado dos participantes que não haviam sido avisados permitiu que fosse iniciada uma reflexão da crise da modernidade (Duarte Júnior, 2000) cominada na cisão entre corpo e mente e a nossa atual sociedade do desempenho (Byung-Chul Han, 2022), retirando a culpa e o peso do indivíduo de não conseguir cuidar de sua corporeidade (Oliveira, 2022).

Como conclusão, pontuamos que foi interessante a oportunidade de as turmas criarem uma experiência a partir das discussões do componente de corpo e movimento, que em alguns momentos trouxe desconfortos e abriu caminhos para novas perguntas sobre o tema e a necessidade de discuti-lo na formação de professores.

Palavras-chave: Corporeidade; Educação; Experiências sensíveis.





QUEM SOU EU SEM SER SELFIE – OFICINA DE IMAGENS

Aline Araújo Lewenkopf
Ana Clara Silva Lemos
Andrea Martello
Caroline Maria de Jesus Martins
Cláudia Braga Andrade
Mariana Sousa Damico
Regina Celia Lopes Affonso
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
alinearaujo.l@edu.unirio.br

Resumo:

Objetivos:

O painel teve dois objetivos. Primeiro, apresentar à comunidade da UNIRIO a oficina realizada na Escola Estadual Amaro Cavalcanti, com as turmas do 3º ano do Ensino Médio. Segundo, a partir da experiência da exposição, cada participante foi convidado produzir um registro sobre seu laço social com a universidade.

A oficina, “*Quem sou eu sem ser selfie*” desenvolvidas pelo grupo de extensão “Da Escola à Universidade”, coordenado pelas professoras Cláudia Braga de Andrade e Andrea Martello foi baseado em três pilares:

1- Sensibilização e Reflexão sobre os Lugares no Cotidiano:

Os estudantes foram convidados a refletir sobre os diferentes lugares que ocupam.

2- Fotografia de Lugares e Perspectiva Fotográfica:

Os alunos foram orientados a capturar imagens de lugares que os representassem. Sem que fosse autorretratos, as imagens que representavam “os seus lugares no mundo” e a atividade foi intitulada “Quem sou eu sem ser selfie”.

3- Ocupação dos Murais da Escola com as produções dos estudantes:

As fotografias resultantes da atividade, foram expostas nos murais da escola e com isso, dando visibilidade à produção coletiva para toda comunidade escolar.



Após percorrerem a exposição, os estudantes da UNIRIO foram provocados a responderem a duas perguntas e depositarem suas respostas em uma urna:

1. Como é estar na universidade hoje?
2. Você enxerga a Universidade como um lugar seu no mundo?

Para a segunda pergunta, um espelho foi disponibilizado para que os eles pudessem ver sua imagem refletida antes de responder.

Metodologia:

Com o material de 6 cards A3 com informações detalhadas sobre a Oficina; 2 cards A3 com perguntas aos discentes; 1 espelho da atividade da segunda pergunta; 2 cards A2 para apresentar o grupo de extensão; 5 cartazes com fotografias dos alunos; projeção em looping com todas as fotos da Oficina; música com a playlist escolhida e escutada pelos alunos da escola, enquanto realizavam às atividades.

Conclusão:

No processo da escola, as narrativas individuais atravessaram pelo grupo tornando-se coletivas. Enquanto isso, na UNIRIO, a reflexão individual sobre a experiência vista durante a exposição, provocou diversos debates entre grupos de universitários.

Palavras-chave: Educação; oficina de fotografia; laços sociais



SARAU ERÓTICA: CORPAS PENETRANTES

Aline Sampaio Alli
UNIRIO/CLA
alinealli@yahoo.com.br

Márcia Vitor
UNIRIO/EB
marciavitor@edu.unirio.br

Mônica Soraya Alves Ramos Teixeira Ervilha
UNIRIO/EE
monicapetit@edu.unirio.br

Resumo

Roda cultural que incluiu apresentações artísticas, debate, recital, sorteios de livros e confraternização com coffee break. O objetivo geral da atividade foi levantar reflexões sobre o conceito de “Erótico” a partir do pensamento de Audre Lorde em diálogo com a coletânea “Erótica: Versos Lésbicos”, em que participam duas discentes da UNIRIO, e com o capítulo 13 (Eros, erotismo e o processo pedagógico) do livro “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” de bell hooks. Os objetivos específicos foram a realização de experimento cênico pelas alunas de Teatro da Unirio, Letícia Monteiro e Verenna Ribeiro, que fizeram provocações sobre o conceito de erótico do ponto de vista do senso comum com a coleta e reprodução de áudios de pessoas diversas que responderam à pergunta “o que é erótico para você?” e assim abriram caminho para as demais reflexões sobre o tema; roda de conversa com duas escritoras participantes da coletânea “Erótica: versos lésbicos” e as educadoras Jane dos Santos, docente da Escola de Educação e do Mestrado profissional do ensino em História, ambos na UNIRIO e; a Mestra em Educação pela UERJ, Roseclair Site, sobre o conceito de erótico, erótico no processo pedagógico e como esse conceito se relaciona com o tema do evento “Educação democrática e movimentos sociais”; recital de poesias da coletânea “Erótica: versos lésbicos”, produção que deu voz a 80 poetas lésbicas e bissexuais brasileiras da atualidade. Momento que contou com a participação de quatro dessas poetas: Ana Ladeira, Kelly Martins, Aline Alli e Márcia Vitor, estas últimas, discentes da UNIRIO que também dividiram a coordenação deste projeto com Mônica Ervilha. A apresentação da coletânea ficou a cargo de



Daniela Wainer, organizadora da coletânea e editora do selo Cassias Imperiais da editora TUCUN; microfone aberto a um público bastante participativo e; sorteio de exemplares da coletânea. O público alvo, formado de docentes e discentes da UNIRIO e público em geral interessadas em refletir sobre o tema proposto pelo Sarau, sobretudo mulheres LBTPQs, alcançou aproximadamente 50 pessoas, muitas interações espontâneas e propostas para novas edições do Sarau, dentro e fora da Unirio.

Palavras-chave: Erotismo, Processo pedagógico, Educação, Versos lésbicos, Poesia.





DERRUBANDO BARREIRAS: INCLUSÃO NA UNIRIO

Ana Carolina Dias de França
Graduanda do curso de Pedagogia
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
profissionalanacarolinafranca@gmail.com

Prof.^a Dra. Maria Alice de Moura Ramos
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
mariaalice.ramos@unirio.br

Resumo

O painel temático “Derrubando Barreiras: Inclusão na UNIRIO” teve como objetivo principal, apresentar os resultados obtidos através da pesquisa de monografia “Derrubando Barreiras: ações efetivas da UNIRIO na inclusão de estudantes com deficiência nos cursos de graduação”; bem como convidar à comunidade acadêmica ao debate sobre a temática durante a XIII Semana de Educação Tânia Mara Tavares Alves. O painel contou com a participação do professor Ronaldo Bussi, coordenador do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Unirio (NAI), e a vice coordenadora Mônica Motta, Técnica de Assuntos Educacionais. A exposição dos resultados da pesquisa foi feita pela graduanda em Pedagogia Ana Carolina Dias de França. A pesquisa teve por objetivo analisar as ações efetivas da UNIRIO na inclusão de estudantes com deficiência nos cursos presenciais de graduação, tendo como metodologia a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, utilizando como método a entrevista semiestruturada com discentes com deficiência, e integrantes do NAI. As vivências dos estudantes apresentadas por França mostram trajetórias diversas de ascensão ao Ensino Superior, e análises que vão ao encontro de barreiras físicas, arquitetônicas, comportamentais e comunicacionais, todas elencadas em Lei Federal (13.146/2015). Além disso a pesquisa também abriu para sugestões e comentários dos discentes, e mostrou uma necessidade de escuta desses sujeitos para a criação de um ambiente mais inclusivo e equânime. Pelo que foi possível observar, as ações em prol do público-alvo da educação especial necessitam de ampliação. A fala do professor Ronaldo Bussi, nesse íterim, seguiu apresentando à comunidade acadêmica presente, um pouco da trajetória do Núcleo de Acessibilidade, bem como a as ações da Universidade antes de sua criação em 2021. A professora Maria Alice Ramos, coordenadora da atividade, trouxe o debate iniciado pelos convidados para os presentes, transformando o espaço do painel em uma mesa redonda, onde foi possível trazer as ideias propostas para a realidade de uma formação de professores comprometida com os direitos humanos e a efetivação das legislações vigentes no que tange a inclusão escolar nos níveis mais altos de ensino.

Palavras-chave: Educação Especial, Inclusão, Universidade Pública, Experiências de Alunos PcDs.



INFÂNCIAS EM ESPAÇOS ESCOLARES DA CIDADE E DO CAMPO, DE TERRITÓRIOS ORIGINÁRIOS E TRADICIONAIS BRASILEIROS.

Ana Lúcia Rodrigues da Silva
UNIRIO
ana.l.silva@edu.unirio.br

Giovana Vieira Barge
UNIRIO
giovanabarge@edu.unirio.br

Isis Cavalcante do Nascimento
UNIRIO
isis.nascimento@edu.unirio.br

Joice Caralho Coutinho
UNIRIO
joiceccoutinho@yahoo.com.br

Léa Tiriba
UNIRIO
lea.tiriba@gmail.com

Mariluze Sobrinho
UNIRIO
mariluzesobrinho@edu.unirio.br

Resumo

A mesa redonda propôs apresentar as pesquisas que são realizadas no cerne do grupo Gitaka (Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental) com orientação da Professora Dra. Léa Tiriba. Nossas pesquisas se caracterizam como intervenção, pois são participativas e investigam a vida a partir das coletividades e sua natureza diversa. Posicionam-se em defesa da integridade das crianças e da biodiversidade, comprometidas com a proteção da vida, a partir da compreensão de que os humanos são seres da cultura e da natureza, ou seja, são seres biofílicos e se constituem em conexão com o cosmos.

Propomos o desemparedamento (TIRIBA, 2005) na perspectiva de defesa do direito ao ambiente como direito à vida, à liberdade, à saúde e ao bem viver. Apostando na liberdade do corpo, nos aliamos às crianças e aos povos originários e tradicionais brasileiros contra o colonialismo, na defesa da biodiversidade e no combate à emergência climática pelas vias da



luta pela liberdade e pela alegria, contribuímos para o processo de pacificação da escola e do mundo, contra o fascismo, pela democracia.

Os conceitos de *emparedamento* e *desemparedamento* são fundamentais para tecer as tramas de nossas intenções. As seguintes pesquisas foram apresentadas em nossa roda: Práticas Educativas em liberdade: Narrativas de brincanças com crianças-naturezas; Corpografias Pedagógicas: Lugar do corpo da formação de educadoras/es. Às sombras das árvores: Andanças, Brincanças e Sabenças com as crianças de Rio Bonito-RJ; visam o desemparedamento das escolas para as infâncias e da universidade.

Com os resultados parciais da pesquisa, evidenciamos os saberes das crianças, ao expressarem o que elas pensam sobre a vida, o mundo e os sentimentos em relação à natureza, reconhecendo quais são as possibilidades de mudanças e proposições para a educação a partir do que aprendemos com elas e a importância de uma educação de corpo inteiro nas escolas e na formação de professoras/es.

Palavras-chave: infância; natureza; desemparedamento; brincar; territórios.





PROFESSOR, FRAÇÃO É NÚMERO?

Ana Maria Carneiro Abrahão
Unirio
ana.abrahao@unirio.com.br
anaabrahao51@gmail.com

Leo Akio Yokoyama
CAP UFRJ
leoakioyo@gmail.com

Maria Luíza Santos Cosme
EDMAT/Unirio
malusantoss@gmail.com

Silvana Pires Fonseca Mandarino
Colégio Pedro II
piresmandarino@gmail.com

Silvia Andrade da Costa Arantes
Semed NPO
silarantes16@gmail.com

Resumo

Esse estudo sobre o entendimento do número fracionário faz parte do projeto “Ambientes de aprendizagem matemática e a docência nos Anos Iniciais e na Educação Infantil” desenvolvido pelo EDMAT, grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Unirio. Tem como objetivo dialogar sobre dificuldades vivenciadas por estudantes para reconhecer fração como número e, a partir daí, refletir sobre possíveis caminhos para desmistificar falsas concepções conceituais identificadas durante essa trajetória. Vários autores têm apontado que a aprendizagem dos números racionais, que traz significado para a grande maioria das crianças, não é aquela baseada na mecanização de procedimentos e regras, mas a que privilegia a construção e a compreensão dos conceitos. Nossas pesquisas têm evidenciado que os principais nós, para a aprendizagem do número racional, são o estudante aceitar que fração é número, entender o seu significado quantitativo e suas diferentes representações.



Assim, a metodologia desse trabalho está na discussão dos equívocos sobre esse tema apresentados por estudantes, na possível origem de suas falsas concepções e em sugestões de caminhos para que iniciem a construção significativa do número racional. Partimos da análise de atividades que trazem equívocos apresentados por pedagogos em formação ao resolverem questões envolvendo números racionais. Tais atividades foram extraídas do texto “Frações e Decimais: compreender para ensinar números racionais”, disponível no link <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/2209/2264>. A partir desse estudo, aplicamos algumas questões similares com crianças do Ensino Fundamental e observamos dificuldades análogas para identificar e quantificar números racionais. Desenvolvemos, então, atividades com crianças da Educação Infantil e em fase de alfabetização. Observamos que ideias sobre esse tema, iniciadas no princípio da escolarização, são passíveis de compreensão significativa. Entendemos que um trabalho intencional, apoiado em materiais discretos e contínuos, não estruturados, construído ao longo dos anos iniciais, pode desmistificar falsas concepções sobre o entendimento do número racional. Nosso trabalho não é conclusivo e continua em andamento, mas parte desse estudo pode ser visualizado no canal EDMAT, na playlist Racionais 1, link https://youtube.com/playlist?list=PLf7SHiKLdRzHTYN0qQI15x5C7jAmPg6A&si=M_4RLeWQOV410QkY ou no QR code



Palavras-chave: Fração, pedagogos em formação, número racional, princípio da escolarização



OFICINA O QUE ROLA POR AÍ?

Andréa Rosana Fetzner
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Andréa.fetzner@unirio.br

Luiz Claudio Rodrigues Torres
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
luizclaudio.rt@edu.unirio.br

Resumo

A oficina propôs discutir o Novo Ensino Médio, que altera os currículos com a abertura para conteúdos que vão além dos componentes curriculares da Formação Geral Básica. Dentre as alterações, está a criação de componentes curriculares como *Projeto de Vida*, *O que rola por aí*, *Brigadeiro Caseiro*, *RPG* e entre outras (BRASIL, 2017). O Novo Ensino Médio é alvo de intensas críticas entre educadoras e educadores. A oficina provoca a vivência, por meio de atividades práticas, da discussão de conhecimento na Educação Libertadora (FREIRE, 2019) e na Pedagogia-Histórico Crítica (SAVIANI, 2011), correntes pedagógicas que defendem uma escola pública, gratuita e de qualidade, mas que discordam em relação ao que constitui o conhecimento escolar. No primeiro momento, os estudantes formularam perguntas sobre sua vida (que não tinham a resposta) e sobre o mundo (também sem resposta). Cada pergunta foi exposta num painel na sala, após, os grupos identificaram algum conceito ou ideia que poderia ajudar a responder um conjunto de questões, que foram reagrupadas em torno destes conceitos. O caráter interdisciplinar dos conceitos escolhidos e a transversalidade das questões individuais apresentadas, foram destacados coletivamente. No segundo momento, os grupos escolheram até três excertos de Saviani e Freire que tratavam sobre a maneira (divergente) como estes autores definem o conteúdo escolar. Ao compreender as diferentes concepções dos autores, os participantes foram provocados a pensar “criticamente as críticas” ao Novo Ensino Médio. Ao final da Oficina, o desafio foi situar em que concepção o primeiro momento da oficina se inspirou, levando aos entendimentos de que a Pedagogia Libertadora, ao contrário da Pedagogia Histórico-Crítica, é uma proposta que poderia embasar um componente chamado *O que Rola por aí*, pois poderia partir dos conhecimentos “de experiência feitos”, provocar a leitura crítica do mundo e comunicar com as ansiedades do saber, desde perspectivas coletivas, e não individualistas, levando a construção ou reconstrução de conhecimentos. Esta Pedagogia tem uma abordagem divergente da Histórico-Crítica, que defende a existência de um conteúdo supostamente universal e que deveria ser assegurado de ser *transmitido* aos estudantes.



Palavras-chave: Educação Libertadora, Pedagogia Histórico-Crítica, Novo Ensino Médio, Conhecimento Escolar.

Referências

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**, Dispõe sobre a lei do novo ensino médio. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 30out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.



O POTENCIAL PEDAGÓGICO DA SALA DE TUTORIA

Anelize Pires Reynozo da Silva
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
anemetotologia@gmail.com

Simone de Oliveira Coelho
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
moninhacoelho@yahoo.com.br

Fernanda Bittencourt Novato
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
uniriofernandaporto@gmail.com

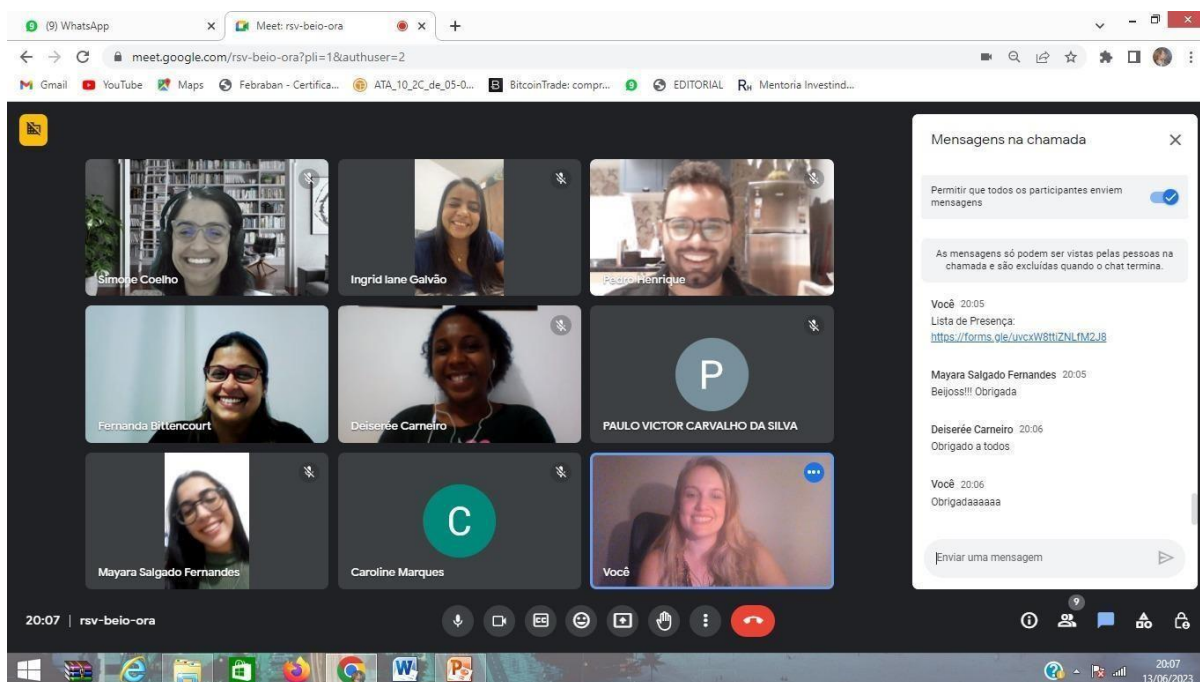
Resumo

A palestra apresentada na XII Semana de Educação foi fruto de uma pesquisa desenvolvida com alunos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO – Modalidade Semipresencial - que teve o objetivo de discutir as concepções dos discentes do curso acerca da Sala de Tutoria da plataforma CEDERJ e as relações que estabelecem/estabeleceram com ela ao longo dos semestres. A proposta foi desenvolvida no formato remoto, via ferramenta Google Meet, e contou com 16 participantes. Dividimos a apresentação em dois momentos: o primeiro apresentou os conceitos de interação (SOARES et al, 2015), mediação pedagógica (NICOLODI e SCHLEMMER, 2009), Ambiente Virtual de Aprendizagem do CEDERJ e suas ferramentas interativas. O segundo trouxe aos dados que emergiram do campo. Com isso, os participantes perceberam que a Sala de Tutoria é considerada pelos discentes uma ferramenta com potencial interativo, procurada por eles, primordialmente, nos momentos que antecedem as avaliações e, ainda, prevalecendo com a finalidade de sanar dúvidas mais administrativas. Os dados apresentados apontaram que menos da metade dos discentes utiliza o espaço para fins pedagógicos e que uma parcela o faz antes das avaliações e outra, durante o processo de estudo. Os alunos também trouxeram ponderações relevantes em relação ao uso desse espaço, apontando que algumas disciplinas além de demorarem nas respostas, trazem retornos esvaziados de conteúdo e acolhimento, que, além de não sanarem as dúvidas conceituais, os afastam da Sala de Tutoria pela falta de empatia. Cabe ressaltar que, embora o pedagógico ainda não seja uma prática que predomine na Sala de Tutoria, muitos discentes



relataram que já se manifesta em algumas disciplinas do curso. Em relatos trouxeram como se sentem pedagogicamente valorizados e respeitados diante dessas iniciativas pontuais, trazendo o desejo de que esse espaço se torne mais pedagógico. Finalizamos a palestra trazendo a necessidade de ressignificar esse espaço no cotidiano dos cursos de EAD, e com isso, percebemos que os participantes, em sua maioria alunos da EAD, se sentiram representados em muitas falas dos participantes da pesquisa. Outro movimento interessante durante a palestra foi a interação entre discentes do presencial e da modalidade a distância, proporcionando o encontro de duas realidades que coexistem e não se anulam.

Palavras-chave: EAD, Sala de Tutoria, Potencial Pedagógico.





IMPACTOS DO NOVO ENSINO MÉDIO AO DIREITO À EDUCAÇÃO: FORTALECENDO O DIÁLOGO PARA ENFRENTAR RETROCESSOS

Carolina Romanazzi Freire
Doutoranda no PPGEdu - UNIRIO
Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades- NUDES
carolina.romanazzi@edu.unirio.br

Júlia Fialho Soares
Doutoranda no PPGEdu - UNIRIO
Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira - NEPHEB
juliafsoares@edu.unirio.br

Resumo:

A educação é valiosa e fundamental para a formação dos sujeitos e indispensável para a integração destes à sociedade. Ela também constitui-se como um direito humano. No Brasil, é assegurada pela Constituição Federal de 1988 e regulamentada por diversos aparatos legais, devendo ser garantida pelo poder público. A reforma do Ensino Médio, expressa na Lei 13.415 de 16/2/2017, promoveu alterações radicais na proposta da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) relacionada a essa etapa da Educação Básica, dando origem ao denominado Novo Ensino Médio (NEM). Problematicar, debater e pensar os impactos do NEM na Educação Básica é importante porque esse projeto tem sido percebido por diversos segmentos da sociedade como uma ameaça ao direito à educação. Nesse sentido, quatro doutorandas e um doutorando do PPGEdu da Unirio mediarão a roda de conversa a que se refere esse artigo, cujo objetivo era dialogar sobre os significados do NEM nos processos formativos de estudantes nele inseridos/os/es. Estiveram presentes discentes do primeiro período do curso de Licenciatura em Pedagogia da mesma universidade que saíram do Ensino Médio recentemente. Conversamos a respeito das seguintes questões: qual(is) o(s) objetivo(s) do NEM? Quais os deslocamentos que produz na educação das juventudes? Que lacunas sua implementação gera na formação dos/as/es estudantes? Quais lugares as juventudes estão sendo privadas de acessar no NEM? E que lugares estão sendo incentivados a ocupar? Que saberes estão sendo privados de acessar e construir? E que saberes estão sendo privilegiados? O NEM pode contribuir para a precarização docente? Para iniciar, partimos do que as/os discentes sabiam sobre o tema e, então, fomos adensando a discussão. Falamos sobre como vem sendo implementado o NEM em termos de carga horária e disciplinas oferecidas e não oferecidas; sobre os interesses que estão por trás e os discursos que vêm sendo mobilizados por diferentes segmentos da sociedade, alguns favoráveis e outros contrários; sobre os cenários políticos, sociais e econômicos nos quais essa ideia foi forjada, ganhou força, foi regulamentada e, por fim, implementada.



O entendimento do e das discentes presentes era de que o NEM prejudica a formação de/as/os estudantes que o frequentam, especialmente na rede pública de ensino, ampliando desigualdades. A discussão a respeito desse prejuízo salientou três aspectos do NEM: 1) que por mais que o projeto preveja a implementação de itinerários formativos a serem escolhidos pelos/as estudantes, a oferta deles é, além de limitada, precária, com conteúdos considerados inadequados, sem sentido, ou ainda, conduzidas por profissionais não capacitados que, muitas vezes, são obrigados a oferecê-los, tendo seu trabalho precarizado; 2) que muitas disciplinas indispensáveis tiveram sua carga horária reduzida ou totalmente suprimida em prol da implementação de alguns itinerários formativos, dificultando a preparação desses/as estudantes para o vestibular, por exemplo; 3) que o NEM privilegia o itinerário formativo “Formação técnica e profissional” e o eixo estruturante “Empreendedorismo”, inclusive possibilitando que o estudante esteja muito mais trabalhando, e em condições precárias, do que estudando, além de dar a entender que o principal objetivo dessa etapa de ensino é a inserção no mercado de trabalho quando, na verdade, deve ser muito mais complexa do que isso. Nosso intuito, com essa roda de conversa, foi contribuir no fortalecimento do debate para enfrentar as tentativas de retrocesso decorrentes do NEM. Consideramos que é preciso seguir dialogando sobre essa temática nos cursos de graduação, especialmente nas Licenciaturas, pois as e os discentes, especialmente quando estão no início do curso, como quem escolheu participar dessa conversa, possivelmente saíram há pouco tempo do Ensino Médio, podendo trazer muitas contribuições acerca de suas vivências ao debate.

Palavras-chave: Ensino Médio, Educação Básica, juventudes, trabalho docente.



RODA DO NUDES: CONVERSAS SOBRE DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO

Bruno Rodrigues Ganem

PPGEDU-Unirio

Brunoganem988@Gmail.Com

Carolina Romanazzi Freire

PPGEDU-Unirio

Carolina.Romanazzi@Edu.Unirio.Br

Resumo:

Este resumo refere-se à atividade desenvolvida na semana de educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma roda de conversa que teve como objetivo principal problematizar e discutir coletivamente como os conceitos de gênero e sexualidade perpassam a educação e a formação das/dos participantes, bem como de que modo essas questões se revelam como direitos humanos. Côncias/os que os espaços são permeados por regimes de verdades e relações de poder, elaboramos uma dinâmica problematizando, propositadamente, a ideia de acessar direitos. Iniciamos com a apresentação e posteriormente as/os participantes foram convidadas/os para um “café democrático”. Numa mesa disponibilizamos doces, suco, água e café que só podiam ser consumidos se a pessoa se adequasse aos critérios estabelecidos na placa. O objetivo era apresentar como determinados sujeitos são privados de direitos e provocar esse incômodo em quem participava. Ao longo da interação, alguns notoriamente se sentiram incomodados com a restrição, mas respeitaram as placas e outros ignoraram os critérios para acessar os alimentos da mesa. Propomos a volta à roda de conversa e perguntamos como se sentiram com as restrições, e se já haviam experimentado alguma restrição/interdição semelhante. Alguns se manifestaram dizendo que sim e comentaram sobre como e onde aconteceu. Ao fim da roda enviamos um questionário pelo google forms objetivando entender como as questões de gênero e sexualidade atravessavam a vida desses estudantes e também como eles poderiam relatar o que sentiram com a dinâmica do café democrático. Cinco participantes responderam: dois estudantes de mestrado e três de graduação, todos de períodos iniciais. O questionário nos revelou que a maioria deles desconhece se em seu curso de graduação/pós existem disciplinas que abordam gênero e sexualidade e os demais (40%) afirmou que não existe esse debate. O mesmo número se repete quando o questionamento foi destinado a oferta de disciplinas optativas que abordam “Direitos Humanos, Gênero, Sexualidades e Relações Étnico-raciais”. Quando questionados sobre a importância do tema para a formação, sessenta por cento acreditam que devem estar presente em todos os cursos e quarenta apenas entendem que é necessário.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Direitos Humanos, Formação, Educação



COMO É ESTAR NA ESCOLA HOJE? REFLEXÕES SOBRE AS AMEAÇAS E ATAQUES CONTRA A ESCOLA

Cláudia Braga Andrade
claudia.andrade@unirio.br

Andrea Martello
andrea.martello@unirio.br
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo:

No cenário pós-pandemia no Brasil, observamos um alarmante aumento das ameaças e ataques às escolas públicas. O medo e inseguranças gerados por esses episódios, causaram uma série de preocupações, abalando de forma significativa a saúde mental de toda a comunidade escolar. Sensibilizados por esse panorama, convidamos representantes do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti a participar de uma roda de conversa. O objetivo era compreender a realidade e os principais desafios enfrentados por aqueles que vivenciam de perto esses problemas no contexto escolar do dia a dia.

A roda de conversa teve como proposta a discussão sobre o contexto das ameaças e ataques contra a escola, bem como seus impactos nos estudantes, estendendo-se também o debate, para outras manifestações de violência no ambiente escolar. Contamos com a participação dos seguintes representantes do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti: diretora, orientador pedagógico, 2 professores, 2 estudantes, acompanhado por seu responsável; além de professores e estudantes da UNIRIO e UFF vinculados ao Projeto de Pesquisa e Extensão "Da escola à Universidade", que desenvolvem um trabalho de escuta com estudantes do ensino público.

Além disso, atividade foi aberta a todos aqueles que desejavam compartilhar suas experiências ou participar dessa discussão. O principal objetivo era aproximar os estudantes da UNIRIO, especialmente os que estão se formando nas diversas áreas da licenciatura e os alunos



de pedagogia, das causas e motivações por trás das ameaças e ataques contra as escolas, bem como todas as formas de violência presentes nas instituições de ensino público. Buscou-se mobilizar todos os envolvidos para que, além de conhecer e refletir sobre os problemas, pudesse se pensar em soluções coletivas sobre esse tema complexo e sensível. Como é possível promover um ambiente mais seguro e saudável nas escolas?

Público-alvo: Toda comunidade da Unirio, principalmente estudantes, professores e pesquisadores

Total de inscrições: 50 participantes

Palavras-chave: ataques contra a escola; pós-pandemia; saúde mental



QUAL O LUGAR QUE A ESCOLA/ESCOLARIZAÇÃO OCUPA NA VIDA DAS PESSOAS?

Claudia Fernandes (coordenadora/moderadora);
Amanda Barcellos;
Andrea Tubbs;
Andréa Villela;
Áurea Cristina Ramos de Novaes;
Crizan Sasson;
Elisete Sabino;
Flavia Assis;
Gilberlan Cruz Souza;
Luiza Bouzon;
Nizia Ponte
Unirio
claudia.fernandes@unirio.br

Resumo

A Roda de Conversa teve como intenção trazer provocações sobre qual o lugar da Escola no mundo contemporâneo, a partir de diferentes pontos de vista das pessoas que lá convivem. As reflexões foram conduzidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação e Currículo (GEPAC) sob a coordenação da prof.^a Dr.^a Claudia Fernandes, tendo como fio condutor a amorosidade, diálogo e liberdade em Freire (1987), o conceito da sala de aula segura de bell hooks (2017) e a função social da escola expresso nos estudos de Fernandes (2014, 2015, 2020).

Palavras-chave: Função Social da Escola, Educação Libertadora, Emancipação

De acordo com Fernandes (2017), a escola é um espaço para entrarmos em contato com os “muitos e diferentes conhecimentos”, mas é também nela que se torna possível conviver e aprender com diferentes grupos “para ver o mundo que nos cerca com o olhar mais crítico, mais reflexivo” (p. 116).

Sendo a escola portadora das experiências múltiplas, povoada por seus diversos atores, as questões educacionais brasileiras, mais notadamente na educação pública, vem sendo pauta, não só do campo de quem se dedica em pesquisá-la ou nela atuar, mas também de outros nichos da sociedade que apresentam concepções de educação atreladas à competitividade, ao individualismo e ao lucro. Nesse sentido, Freitas (2020) ajuda a problematizar essas relações questionando se “nós educadores estamos servindo ao saber e às pessoas, ou estamos servindo a um sistema que “legitima os processos meritocráticos, gerando concorrência e individualismo?” (Freitas, 2012).



Vivemos em um mundo em transformações e, nessa esteira, as concepções de educação vem sendo marcadas por disputas entre um projeto de sociedade que se pauta em uma perspectiva neoliberal, que enseja modelos e propostas educacionais que valorizam o individual versus uma educação que opte pela perspectiva de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; uma sociedade que considere e acolha a presença dos diferentes grupos culturais e sociais, seus saberes e suas histórias, tendo no horizonte a possibilidade de transformação e de emancipação.

Dentro desse entendimento, a Roda de Conversa buscou dialogar com os participantes apoiados nas reflexões de Paulo Freire, bell hooks e nos estudos em andamento do Gepac. Nosso diálogo foi impulsionado pela seguinte questão: Que lugar a escola ocupa atualmente na vida das pessoas? Estudantes, docentes, crianças, jovens, adultos.

Como parte das reflexões surgidas, entendemos que no cenário atual, a educação brasileira está imersa em uma tendência à padronização das práticas pedagógicas, num retorno ao conservadorismo, com práticas marcadas por certo/errado, aprovado/reprovado que pouco contribuem para uma educação libertadora e capaz de promover transformações nos indivíduos. Como parte das reflexões surgidas, entendemos que no cenário atual, a educação brasileira está imersa em uma tendência à padronização das práticas pedagógicas, num retorno ao conservadorismo, com práticas marcadas por certo/errado, aprovado/reprovado que pouco contribuem para uma educação libertadora e capaz de promover transformações nos indivíduos. Contudo, também é importante destacar que há nas escolas tentativas de superação desta perspectiva homogeneizadora. Há a busca por ações mais inclusivas, coletivas e democráticas. Há movimentos reflexivos sobre o lugar da escolarização na vida das pessoas, o que tem mantido a escola como uma instituição reconhecida, valorizada, apesar de precarizada por questões político-ideológicas e econômicas. A escola e os sentidos da educação, apesar das tensões, ainda são vistos como elementares para a educação das pessoas e para a construção da sociedade que está em disputa, não à toa é centro de controvérsia e palco de disputas pelo seu reconhecido potencial político e ideológico.

Novos desafios são colocados constantemente e se elegermos um recorte, as relações microsociais da escola, nas salas de aula, poderemos nos debruçar em perspectivas outras sobre saberes, identidades, afetos, subjetividades, ou seja, outras formas de ouvir, pensar e sentir a escola. As participações na roda não responderam todas as questões, mas indicam reflexões outras que convergem para a luta por uma educação libertadora que tem o seu ponto de partida numa sala de aula como um espaço seguro e harmônico (Hooks, 2017).

Referências:

FERNANDES, Claudia de Oliveira. Avaliação, currículo e suas implicações: projetos de sociedade em disputa. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n.17, jul/dez 2015, pp.397-408.

_____. O que a escola pode fazer com o resultado dos testes externos? In: VILLAS BOAS, B (org). Interações com o trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2017, pp. 115-126.

_____. O desafio é transformar a avaliação em um projeto de aprendizagem. Anais: XX ENDIPE / Rio 2020 - FAZERES-SABERES PEDAGÓGICOS: Diálogos, insurgências e políticas, pp. 144-153.



FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, L. C. de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr. jun. 2012.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. SP: Ed WMF Martins Fontes, 2017.



ABORDAGENS DE PESQUISA: QUANDO E COMO USAR?

Daniela Reis
Freitas Pontifícia Universidade Católica do Rio
de Janeiro
prof.danielarfreitas@gmail.com

Anelize Pires Reynozo da
Silva Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro
anemetodologia@gmail.com

Ingrid
Lane Universidade Federal do Rio de
Janeiro ingridlanegalvao@gmail.com

Resumo

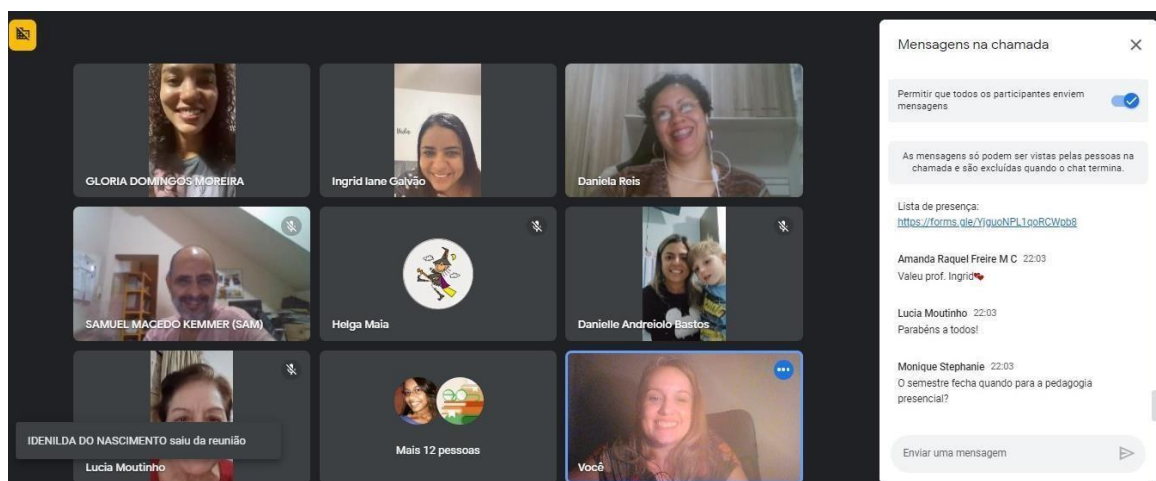
A construção de um artigo acadêmico como requisito para integralização do Curso de Licenciatura em Pedagogia - Unirio - Modalidade semipresencial - tem sido um enorme desafio para os nossos estudantes. Ao longo desses anos, a nossa experiência como orientadoras de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), atentou-nos para a necessidade de levar ao conhecimento dos nossos discentes as abordagens de pesquisa – qualitativa, quantitativa, qualiquantitativa e quantiquantitativa –, dialogando com os autores como PEREIRA, Guilherme; ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho, PITANGA e FRANCKLIN, Ângelo.

Muitos estudantes trazem enraizados de outras vivências com a escrita acadêmica a ideia de que a pesquisa quantitativa não serve à educação, por considerarem-na de menor qualidade ou por desconhecimento dos tipos de abordagens coexistentes. Preconceitos presentes no discurso dos alunos vêm nos movimentando para o desenvolvimento de ações acadêmicas que propiciem a estes discentes outras concepções e entendimentos.



Nessa perspectiva, buscamos com a presente oficina desenvolver práticas que possam contribuir nessa direção. Cabe ressaltar que na Semana de Educação do ano de 2022 trabalhamos a escrita acadêmica na prática, abordando aspectos presentes em um projeto de pesquisa e o questionário aplicado aos participantes, ao final da atividade, apontou para a necessidade de outras ações com esse caráter. Sendo assim, decidimos compor uma das atividades remotas da Semana de Educação de 2023 com essa proposta, mais voltada para as abordagens cujas justificativas já apontamos acima. A oficina, com duração de 2h, contou com a presença de 30 participantes que tiveram a oportunidade de partilhar momentos de interação, por meio do chat ou áudio, na ferramenta do Google Meet. Seu desenvolvimento se deu em dois momentos, um teórico e outro prático, já que a nossa intenção era fomentar o amadurecimento dos conceitos e o seu uso efetivo para construção das futuras pesquisas no campo da educação. Os relatos expostos no chat nos levaram a avaliar o encontro de maneira positiva, apontando para necessidade de mais ações voltadas para as temáticas que envolvem a pesquisa acadêmica em sua totalidade.

Palavras-chave: Educação, Abordagens de Pesquisa, Escrita Acadêmica.





O DIREITO AO OLHAR: POSSIBILIDADES ESTÉTICAS DE TRADUÇÃO DE IMAGENS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Dagmar de Mello e Silva
Universidade Federal Fluminense/ CACE - UNIRIO
dmesilva@id.uff.br

Margareth de Oliveira Olegário Teixeira
Instituto Benjamin Cosntant
margaretholegario@gmail.com

Ana Cristina Teixeira Prado
Secretaria Municipal de Educação de Niterói
anactprado@gmail.com

Resumo

Para uma pessoa com deficiência visual o corpo e a imaginação são os principais recursos que ela dispõe para criar suas próprias imagens. É a partir de outros sentidos que cria para si, as imagens do mundo. Mas é, também, através das palavras dos outros, que essas pessoas se aproximam de uma dada realidade que não podem ver através do sentido do olhar. A forma de acessibilidade às imagens para essas pessoas é a audiodescrição, ou seja; as imagens lhes são dadas a partir do olhar e da palavra de um outro enxergante.

A proposta de nossa oficina consistiu em problematizar as tradicionais técnicas de audiodescrição de imagens vigentes no mercado e propor uma estética de “tradução de imagens” que possibilite aos espectadores com deficiência visual, uma relação criadora de sentidos próprios com as imagens. Trata-se de uma abordagem de acessibilidade às imagens que restitua o direito ao olhar sob uma perspectiva em que o “tradutor” não *veja por*, mas *dê aver* imagens de modo a fazer as palavras falarem sobre as imagens, transformando-as em imagens de pensamento, ou melhor; como as palavras poderiam criar espaços/tempos que estabeleçam relações imagéticas entre o visível e o invisível das imagens?

Neste sentido, nos reunimos sob a forma de Roda de Conversas para tratarmos das questões problematizadoras acima apresentados a partir da provocação do filósofo esloveno, Evgen Bavcar (2003) que criou o conceito de *contra-olhar* a partir de sua própria experiência com a cegueira, na sua relação material com o ato de fotografar. Para Bavcar essa seria uma forma de se referir à imagem construída pelos cegos: “(...) os cegos podem, pela primeira vez na história, criar um contra-olhar e sair da passividade insuportável daqueles que são vistos incessantemente, sem poder olhar para eles mesmos”.

Foi um encontro muito produtivo no qual nos colocamos no desafio debatermos modos de *dar a ver* imagens às pessoas cegas, para que estas possam experimentá-las como presenças em seus corpos.

Palavras-chave: Deficiência-Visual. Tradução de Imagens. Direito ao olhar.



OFICINA DE JONGO NA SEMANA DE EDUCAÇÃO UNIRIO

Dayana da Silva Ferreira
Mestranda PPGEdu / UNIRIO
dayana.ferreira@edu.unirio.br

Ana Paula de Araújo Gomes Carvalho
Mestra DIPPG / CEFET-RJ
anagcarvalho2009@gmail.com

Resumo

O jongo é uma manifestação cultural com múltiplas inserções e influências afrodiáspóricas. Uma dança, um cantar, os tambores e os corpos a bailar. A herança jongueira remonta os tempos da escravização africana, principalmente nos territórios rurais da região sudeste brasileira. Aliando-se as perspectivas históricas hegemônicas, esta manifestação sociocultural nos inunda de histórias, cantigas e movimentos que enaltecem as trajetórias de resistências e engenhosidades dos antigos negros escravizados. Objetivando a construção de uma metodologia de ensino da Cultura, História e Arte africana e Afro-brasileira na perspectiva do cumprimento das diretrizes legais-curriculares atribuídas pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, a oficina “*Jongo como ferramenta didático-pedagógica antirracista*” (Fig. 1) foi realizada na Semana de Educação da UNIRIO, no dia 13/06/2023, com duração média de duas horas. A metodologia adotada conformou-se a partir de uma roda de conversa, onde todos os presentes puderam colocar suas experiências profissionais e pessoais na Educação, priorizando vivências atreladas aos usos (ou tentativas de usos) das diretrizes curriculares presentes na LDBEN (leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008). Na sequência, a manifestação cultural jongueira foi brevemente apresentada por áudios (pontos de jongs), apresentação dos toques no tambor, passos para a dança e ritualística vinculadas às relações profano-sagradas do Jongo. Ao partirmos das explicações supracitadas, exemplos e construções didático-pedagógicas foram sugeridas para a aplicação do Jongo nos espaços escolares formais, tanto numa perspectiva disciplinar, quanto interdisciplinar. O resultados foram construídos a partir de blocos temáticos disciplinares: **a)** Educação Física, Artes (arte-educação): a própria dança é um bom elemento de aplicação para a área de Ed. Física e Artes. A pesquisa e confecção dos adereços, roupas e tambores podem fomentar a vivência coletiva da atividade. A musicalidade pode ser praticada no ritmo, passos e confecção artesanal dos tambores. Variações pode ser adotadas de acordo com a faixa etária de aplicação (desenhos, vídeos, seminários, encenação, teatro, etc.); **b)** Língua Portuguesa, Literatura e demais línguas estrangeiras: publicações literárias sobre a temática estão sendo difundidas e encontradas em sites de busca. Os pontos de Jongo (músicas) podem ser interpretados a partir das pesquisas com as comunidades. Temas como Variações Linguísticas e Preconceitos Linguísticos podem ser tratados de acordo com as pronúncias, escritas e entonação de palavras não formais. Danças típicas de outros países podem ser trazidas para o debate.



A escrita ritmada do ponto de Jongo, o canto e as pronúncias podem ser exploradas; **c)** História, Sociologia, Geografia e Filosofia - o estudo das letras e suas histórias são muito propositivas para entender alguns contextos de resistências, narrativas e trajetória sócio-histórica dos grupos afrodiáspóricos que praticam o Jongo e danças similares (batuque, caxambú, etc.). Pesquisas universitárias tem abordado diversos aspectos da dança e sobre as comunidades jongueiras. Inserir mestres e mestras jongueiras em conversas pode estimular o interesse e maior proximidade com a prática. O estudo das comunidades jongueiras (algumas quilombolas) quanto à territorialidade é um instrumento eficaz para estudos históricos e geográficos; **d)** Física, Biologia, Química - a pele, o couro do tambor, o processo de curtimento da pele. Processo de aquecimento do tambor no fogo para sua desidratação. Contração e distensão do couro após a desidratação. Composição e características do tambor: madeira, ferro de sustentação, couro. Origens do couro e da madeira que constituem o instrumento de percussão; **e)** Matemática, geometria - construção do tambor e das saias a partir de formatos, medições e características geométricas variadas. Contagem de passos, dos toques e a ritmação. Correlações com a musicalidade dos pontos de jongo e suas métricas. A formulação de maneira ampla permitiu que os participantes da oficina possam trabalhar o tema sugerido de maneiras multifacetadas, ao adequar questões regionais ao conteúdo. A partir da cartilha confeccionada e difundida entre os pares, pretende-se trazer novos olhares para a práticas curriculares dos docentes.



Fig. 1 - Oficina de Jongo na Semana de Educação da UNIRIO.

Palavras-chave: jongo, oficina, ERER, patrimônio imaterial.



DESEMBARALHANDO A EDUCAÇÃO: JOGOS DA MEMÓRIA PEDAGÓGICOS

Diego Marinho Luiz
Pablo Ramos
UNIRIO
diegomarinho Luiz@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho aborda a execução da oficina “DESEMBARALHANDO A EDUCAÇÃO: JOGOS DA MEMÓRIA PEDAGÓGICOS” aplicada para dois grupos de estudantes de pedagogia durante a XII de Educação Tânia Tavares da Silva, assim como também contextualiza a sua proposta a partir da problemática de pensamentos pejorativos a respeito da arte-educação que acabam por desvalorizar a importância do ensino de arte na formação básica. A oficina consistiu na apresentação de rodadas de teste do jogo de cartas pedagógicas intitulado “Memória da Arte com o professor Martin”, criado pelos professores Diego Marinho e Pablo Ramos. Tal jogo de cartas é um produto originado da série de tirinhas em quadrinhos conhecida como “Martin, professor de Arte”, na qual o protagonista professor de arte-educação encontra problemas em sua comunidade escolar ao se deparar com entendimentos estereotipados sobre a relevância do ensino de arte na escola. Então, “Memória da Arte com o professor Martin” apresentado na oficina se trata de um jogo pedagógico da memória com um baralho contendo 52 cartas apresentando imagens com os personagens da série de tiras homônima. Porém, sua proposta se distingue de um jogo da memória tradicional, já que seu diferencial se encontra em sua proposta que se destina a um objetivo além daquele de encontrar cartas de mesma imagem, mas sim, o seu foco se reside na construção de conversas geradas pelas questões e sugestões de respostas trazidas pelos pares de cartas, quando estes são achados. Os dizeres do baralho instigam provocações/perguntas a respeito de múltiplas visões a respeito da arte/educação para o intuito de que as conversas mediante ao jogo possam gerar reflexões sobre o valor do ensino de arte, desmistificar as suas concepções depreciativas, avaliar como a arte pode ser viva e presente no nosso cotidiano. Os participantes sentaram-se em roda e as rodadas ocorreram no sentido horário. As dinâmicas de conversas dos dois grupos foram diferentes, contudo, este ainda era o ponto mais importante de toda a dinâmica. No decorrer das jogadas teste foi possível colher diversos importantes pontos de vista de graduandos da educação, muitos destes com experiências em sala de aula, que trouxeram sugestões para aprimorar as formas de jogar, nas quais fossem levadas em consideração as diferentes realidades encontradas em cada cenário escolar.

Palavras-chave: Arte-educação, jogos pedagógicos, educação, metodologia da conversa



OFICINA DE PODCAST- DA PRÉ-PRODUÇÃO À DISTRIBUIÇÃO

Fernanda Cavalcanti de Mello. FFP/UERJ.
diart.fernanda@gmail.com
Maristela Petry Cedeira
Proped/UERJ
maristelacerdeira@gmail.com

Resumo

O Grupo de pesquisa Currículos Cotidianos Redes educativas Imagens e Sons coordenados por Nilda Alves e do qual as autoras desta proposição fazem parte, desenvolve, sempre que possível, os movimentos da pesquisa na linha dos cotidianos que tem suas bases nas artes de fazer inspiradas em Certeau(2014), e outros cotidianistas. São inerentes à pesquisa os movimentos de sentimento de mundo, ir além do já sabido, criar personagens conceituais (pessoas, coisas, sentimentos que nos ajudam a refletir sobre algo por meio de conversas em encontros), valorizar as redes dos/com/os praticantes- cuja grande maioria é de mulheres, narrar vida e literaturizar a ciência, e, o movimento fazer circular a pesquisa como necessidade. Como estudos cotidianos, nada é dicotômico, mas complementar e constituído pelos praticantes que se movem em redes, nas conexões entre os praticantes, nas trocas de saberes que se fazem nesse contato e nessa convivência. Assim, as oficinas são oportunidades de fazer circular a pesquisa, de vivências de ‘práticas peorias’, pois não separamos o fazer do pensar. Uma das aprendizagens recentes trazidas pela pandemia, foi a necessidade de encontrar com docentes, seus familiares, pessoas da comunidade escolar, continuar a pesquisa. Assim, nos com os silêncios das escolas, sem seus estudantes, tecemos com sons possibilidades comunicacionais e de encontro no ambiente virtual, por meio de artefatos culturais e tecnológicos como, por exemplo, o podcast. Esse artefato se torna curricular, na medida em que elaboramos o seu desenho comunicacional com os praticantes. Com um podcast criado pelo grupo manifestamos ideias para além dos suportes acadêmicos pautadas na escrita, somente. Os sons retomam um lugar privilegiado na conexão com outro, por ser de fácil transmissão e muito mais barato e de fácil execução. Estamos sempre a ouvir. As oficinas de podcast em Congressos, seminários eventos acadêmicos, objetiva democratizar essa experiência também para que mais praticantes possam fazer uso do artefato midiático pedagogicamente, na educação. Entender a dinâmica da produção do podcast educativo e praticar a execução de um piloto promove o manejo dos elementos que possibilitam a transformação de um artefato cultural em um artefato curricular, além de ensinar encontros e conversas acerca de novas aprendizagens’ que surgem na dinâmica dos encontros e das conversas.

Palavras-chave: cotidianos, artefato-curricular, podcast, conversas, redes educativas.



ARESSONÂNCIA DO MUSEU EM SALA DE AULA: VISITA AO MUSEU JANETE COSTA

Gisella V. Mello
UNIRIO/Cederj
gvcмello@gmail.com

Resumo

Museu é um organismo que administra a cultura, ao mesmo tempo que recolhe, resguarda, estuda e exhibe objetos culturais, que ajudam na compreensão histórica feita por grupos sociais que terão contato com eles (SUANO, 1986). Sabendo que a cultura é importante para a formação do ser humano e da sociedade, foi proposta a atividade que aconteceu no dia 16 de junho de 2023 como parte da XII Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva - Educação Democrática e Movimentos Sociais. Foi apresentado e discutido o uso didático do Museu Janete Costa (MJC) na sala de aula. O MJC é especializado em arte popular, arte esta muito divulgada pela arquiteta Janete Costa (que deu nome ao museu) quando ainda era considerada pela sociedade como um mero artesanato. O acervo permanente é composto de obras de importantes artistas populares, reconhecidos internacionalmente. O museu tem um setor educativo atuante, e atende muitas instituições que tem em seu público-alvo pessoas com deficiência. O objetivo proposto foi depois de percorrer todo o acervo permanente, analisar uma obra específica, escolhida previamente. A metodologia utilizada foi uma análise com correlações em relação ao fazer dos (futuros) professores e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sempre interligando as informações relevantes com a discussão da matéria ao observar a obra de arte. Para tanto foi escolhida a disciplina de Ciências do ensino médio (BNCC) - Ciências da natureza e também, ciências humanas e sociais, que foi relacionada com o livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos (2013). Concluimos que a atividade foi muito importante, e segundo o aluno L.R. se sentiu surpreso “[...] com as obras que refletiram a cultura popular brasileira[...]”

Palavras-chave: Arte Popular, Acessibilidade, Educação, Museu

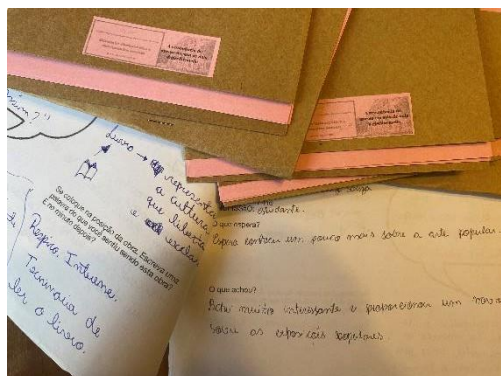


Fig. 01 - Imagem dos alunos analisando a obra selecionada no Museu Janete Costa



Fonte: Arquivo pessoal

Fig. 02 - Imagem do material disponibilizado pela professora: caderno de anotações e questionário para execução da atividade



Fonte: Arquivo pessoal

Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Online. 2013.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.



ARESSONÂNCIA DO MUSEU EM SALA DE AULA: VISITA AO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Gisella V. Mello
UNIRIO/Cederj
gvcмello@gmail.com

Resumo:

Museus podem ser entendidos como“ [...] um lugar político, uma promoção social, uma arena para processos de ação sócio-cultural, uma especulação, uma corporação, uma experiência, bem como alegoria ou metáfora para a explanação, criação e manutenção de outras dimensões de conhecimento” (GROSSMANN, 2004). Os museus estão em constante diálogo com a sociedade, adequam-se ao mesmo tempo que transformam a realidade presente. Desta forma, foi proposta a atividade que aconteceu no dia 14 de junho de 2023 como parte da XII Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva - Educação Democrática e Movimentos Sociais. Foi apresentado e discutido o uso didático do o uso didático do Museu Histórico Nacional (MHN) na sala de aula. O MHN é especializado em história da sociedade brasileira, o acervo permanente é composto de obras de importantes fatos históricos do Brasil. O museu tem um setor educativo atuante; e atende muitas instituições que tem em seu público-alvo pessoas com deficiência, pois apresenta vários materiais adaptados. O objetivo proposto foi depois de percorrer todo o acervo permanente, analisar uma obra específica, escolhida previamente. A metodologia utilizada foi uma análise com correlações em relação ao fazer dos (futuros) professores e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sempre interligando as informações relevantes com a discussão da matéria ao observar a obra de arte. Para tanto foi escolhida a disciplina de História do 7º ano (BNCC) / sala: Portugueses no mundo na unidade temática: A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano. Concluimos que a atividade foi muito importante, e segundo a aluna L.F.A.S., foi uma “[...] ótima maneira de materializar os estudos, e relacionar o aluno com o conteúdo trabalhado.”

Palavras-chave: Museu, Cultura, Acessibilidade, História brasileira, Educação

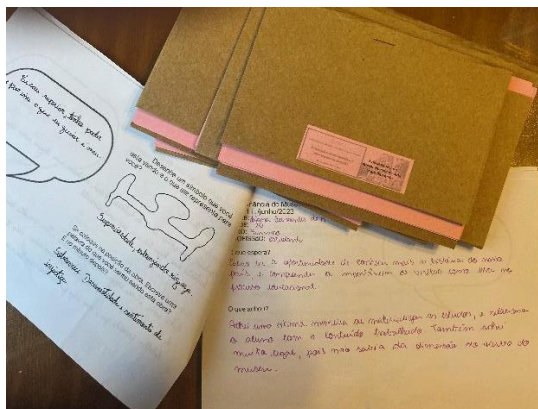


Fig. 01 - Imagem dos alunos analisando a obra selecionada no Museu Histórico Nacional



Fonte: Arquivo pessoal

Fig. 02 - Imagem do material disponibilizado pela professora: caderno de anotações e questionário para execução da atividade



Fonte: Arquivo pessoal

Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

GROSSMANN, Martin. **O Museu de Arte hoje**. Art.es: international. contemporary.art. Madrid, n. 3, p.16-22, 2004. Bimensal.



ESCOLAS CHARTER E CONTRATOS DE GESTÃO NA EDUCAÇÃO: MAPEAMENTO DAS PROPOSTAS DE PRIVATIZAÇÃO DA GESTÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS NO BRASIL

Henrique Dias Gomes de Nazareth

UNIRIO, professor adjunto

henrique.dias@edu.unirio.br

Aline Vitória Ramos da Silva Santos

UNIRIO, bolsista de Iniciação Científica

aline.santos@edu.unirio.br

Andressa de Oliveira Brandão

UNIRIO, bolsista de Iniciação Científica

andressa.brandao@edu.unirio.br

Fabricia Osanai Pires

UNIRIO, bolsista de Iniciação Científica

fabricia.o.pires@edu.unirio.br

Resumo

O painel abordou as propostas de privatização inspiradas nas *charter school* e sua influência na política educacional brasileira. Escolas *charter* são originárias dos Estados Unidos. O termo *charter*, traduzido como licença ou alvará, é uma autorização do poder público para operadores privados atuarem na gestão de escolas públicas (NAZARETH, 2022). A pesquisa tem como referência a privatização endógena e exógena, quando valores e princípios da iniciativa privada são introduzidos no setor público, como bonificações por metas, competição e ênfase nos resultados; e quando há transferência de recursos públicos e de responsabilidade Estatal para entes privados, respectivamente (BALL, 2013). Peroni (2021) traz a compreensão de que a relação público e privado na educação não se limita à propriedade, são projetos societários em disputa na correlação de forças do Estado e da sociedade civil. A pesquisa analisou a incidência do tema escolas charter em sites de jornais nacionais e a relação entre privatização da educação e o discurso da qualidade, debatendo sobre alguns pressupostos presentes nos jornais. Predominam textos com prerrogativas de cunho neoliberal privatizante favoráveis à implementação de tais políticas para melhorias na qualidade da educação, mas não apresentam evidências que comprovem os resultados. Pessoas ligadas à Economia e Administração foram as que mais se pronunciaram. A análise incluiu iniciativas brasileiras inspiradas nas *charter*: Projeto Somar, em Minas Gerais, e o Projeto Parceiro da Escola no Paraná, ambos para gerir escolas de ensino médio com o objetivo de melhorar os resultados nas avaliações de proficiência.



A análise documental de textos normativos (contratos, termos, resoluções) e informativos (jornais, artigos, notícias) demonstrou que os textos oficiais não utilizam o termo “charter”, mas nas notícias há referências ao modelo. Constatou-se que a implementação dos projetos induz políticas públicas neoliberais que enfatizam uma crise na educação atrelada ao baixo desempenho dos estudantes nas avaliações externas. Esses contratos de gestão são apontados como mais eficientes e capazes de sanar um problema gerado pela má gestão pública. A análise dos jornais e das políticas implementadas revela que a privatização inspirada em escolas *charter* avança no Brasil, mesmo sem fundamentação em resultados consistentes ou princípios pedagógicos sólidos.

Palavras-chave: educação pública, escolas charter, privatização.



PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: TEMAS EMERGENTES EM REALIDADES COMPLEXAS

Larissa Melo Mendes
UNIRIO
mendeslarissamelo@gmail.com

Joyce Simão da Silva Donegat
UNIRIO
joycedonegat@edu.unirio.br

Tiago Affonso Fernandes Cunha
UNIRIO
tiagoafcunha@gmail.com

Resumo

Memórias contra hegemônicas, Movimentos Sociais, Pedagogias Alternativas, estéticas Dissonantes, Crítica decolonial, Feminismos latino-americanos, Ecofeminismos, Educação Popular, entre outros temários, marcam as pesquisas no campo da Educação na atualidade. Com essa percepção faz sentido debatermos as outras educações e as cosmo percepções que nascem dos movimentos populares, dos coletivos estudantis e que estão alinhadas com uma perspectiva educacional intercultural. Nessa mobilização, o painel se definiu pelo reconhecimento das demandas por outras filosofias educacionais. Diferentes representantes das comunidades acadêmicas estiveram presentes para compartilhar as suas pesquisas com o objetivo de construirmos na troca e aprendermos em redes colaborativas, ganhou especial importância a proposição elaborada nos contextos dos Grupos de Pesquisa, nas Organizações de base e coletivos estudantis. Afeto, aprendizado e coletividade fizeram parte do painel temático que foi construído e mediado por diferentes mãos que possuíam um objetivo em comum: aprender na troca. Graduação, pós graduação e docentes estiveram presentes, vinte e uma pesquisas foram apresentadas, todas seguidas de comentários e perguntas. Como critério para avaliação identificamos a pertinência da pesquisa no temário do painel e adequação do texto. As apresentações ocorreram através de explanação oral em uma roda de conversa, todos participaram e contribuíram para o sucesso do painel através de sistematizações relacionadas com pesquisas iniciais, trabalhos monográficos, relatos de experiência entre outros com o objetivo de dinamizarmos a pauta sobre pesquisas engajadas e com sentido em contextos de alta complexidade. Concluímos que é possível abordar na prática outras educações que fortaleçam as demandas das populações que vivem em realidades complexas, o trabalho colaborativo atua na contramão da lógica hegemônica que vem subalternizando determinadas camadas da sociedade, ações contra-hegêmicas vem sendo tecidas em diferentes esferas, cabe reconhecer e valorizar essas práticas descolonizadoras.

Palavras-chave: Pesquisas em educação, outras educações, educação intercultural.



CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO E AFETO: NARRATIVAS DOCENTES SOBRE O ENSINO REMOTO E SEUS REFLEXOS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTES

Liz Regina Silveira Barbosa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP)
lizrbarbosa@gmail.com

Suzane Moraes da Veiga
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
suzanemveiga@yahoo.com.br

Hosana do Nascimento Ramôa
Universidade Federal Fluminense (UFF)
hosana.nramoa@gmail.com

Resumo

Esta roda de conversa buscou discutir os resultados e ampliar o debate realizado no artigo: Não Somos Robôs: a Afetividade como Processo Pedagógico Durante as Aulas Remotas (RAMÔA, BARBOSA, SILVEIRA, 2020), no qual buscava-se refletir acerca da afetividade como processo pedagógico, abordando os desdobramentos do impacto das aulas remotas na relação professor/aluno. Na conclusão do artigo constatamos que as dificuldades com relação ao acesso à tecnologia e também o insuficiente letramento digital dos estudantes dificultavam a proximidade entre docentes e discentes nas aulas remotas e, por consequência, o processo pedagógico imbuído de afetividade. Nessa roda de conversa, buscamos dar continuidade a essa investigação e, para isso, nosso objetivo foi entender como os professores e professoras atuantes e em formação sentiram o impacto da pandemia em suas práticas e reflexões docentes atuais. Na pesquisa realizada no ano de 2020, foi possível escutar somente os docentes em atuação, agora, no entanto, ampliamos o debate ouvindo também as narrativas dos docentes em formação. O primeiro passo, para isso, foi convidá-los para uma conversa, que teve como provocações algumas questões: (i) Como o (não) acesso à tecnologia na época da pandemia impactou/tem impactado o ensino presencial? (ii) Como foram repensadas as interações afetivas professor/comunidade escolar? (iii) Como se modificaram as relações entre professor e aluno nos diferentes momentos da pandemia (quarentena, ensino híbrido) e pós-pandemia? Para a realização da roda de conversa, disponibilizamos alguns relatos docentes produzidos durante nossa investigação no decorrer da pandemia de covid-19. Iniciamos a discussão a partir delas, envolvendo também nossas próprias experiências e as experiências dos participantes inscritos. A conversa teve como referência a pesquisa realizada pelas organizadoras acerca da temática, bem como, a referência aos trabalhos de Baptista e Martins (2018) e Custódio et al. (2019).



Em meio ao debate, propomos a confecção de cartas como atividade de registro da conversa. Os participantes tiveram trinta minutos para escrita e depois no final, cada um leu sua carta compartilhando-a com o grupo. Na carta, os professores e professoras (atuantes e em formação) foram convidados a relembrarem as suas experiências com o ensino remoto e híbrido, refletindo sobre os impactos na sua prática atual e em perspectivas futuras.

Palavras-chave: narrativas, ensino remoto, pandemia, afeto, docente.

Referências:

BAPTISTA, A.; MARTINS; V. A afetividade na educação online: percursos e possibilidades. EaD em foco, v. 8 n. 1, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v8i1.639>
 CUSTÓDIO, S.G. et al. O Papel do Tutor na Humanização da Aprendizagem na Educação a Distância. EaD em Foco, v.9, e767. 2019. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/767>.
 RAMÔA, H. N.; BARBOSA, L. R. S.; SILVEIRA, S. M. V. Não Somos Robôs: a Afetividade como Processo Pedagógico no Ensino Fundamental II Durante as Aulas Remotas. EaD em Foco, v. 10, n. 2, e1306, 2020. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i2.1306>



Foto da roda de conversa realizada no dia 13 de junho de 2023 na Unirio

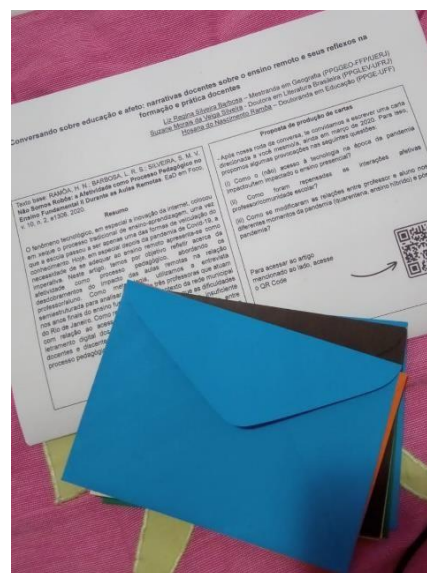


Foto do resumo da atividade e dos envelopes para as cartas



INTERSEÇÕES ENTRE ESTADO E SOCIEDADE CIVIL NA GARANTIA DE DIRETOS DE CIDADANIA NUMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA

Luiz Carlos de Souza
UNIRIO

luiz.souza@unirio.br

Olivia Maria Costa Silveira
D3e

omaria.cs@gmail.com

Maria Alice de Moura Ramos
UNIRIO

amoura0505@gmail.com

Resumo

Mediada pelo professor Dr. Luiz Carlos de Souza (UNIRIO), contou com a participação da Professora Dra. Maria Alice Ramos (UNIRIO) e a Dra. Olivia Maria Costa Silveira, diretora de conhecimento aplicado da associação D3e. O objetivo foi promover um debate sobre avanços e desafios no campo da garantia de direitos de cidadania, com enfoque sobre ações voltadas para a educação inclusiva.

As exposições das participantes foram voltadas para a explicitação de que já foram dados passos importantes no sentido da inclusão, como, por exemplo, aqueles que são evidenciados por indicadores que apontam o aumento do acesso de pessoas de 4 a 17 anos de idade com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação à escola no Brasil. Este fato foi exemplificado pela Dra. Olivia Silveira, ao apresentar a experiência do município de Pojuca/BA.

Dentre os desafios apresentados pelas pesquisadoras encontram-se, dentre outros:

- Construir um paradigma educacional fundamentado na garantia de direitos, igualdade e diferença como valores indissociáveis, visando a equidade e assegurando o acesso e a permanência das pessoas com deficiência a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis.



- Fortalecer as parcerias entre as Secretarias de Educação, Saúde, Assistência e Desenvolvimento Social, de forma a ampliar e manter a rede de proteção e garantia de direitos aos estudantes.
- Criar/fortalecer parcerias com organizações da sociedade civil, sejam elas diretamente ou não voltadas para a defesa do público alvo da educação especial inclusiva.
- Extinguir a visão “medicalizada” e, muitas vezes, preconceituosa sobre os comportamentos e características das crianças e adolescentes em situação escolar.
- Tornar a escola um lugar de respeito, solidariedade e oportunidade, compreendendo as diferenças e otimizando suas potencialidades. Um lugar que desperte desejos e favoreça a construção de estratégias para realizá-los para todos os estudantes.
- Fortalecer a Rede de Saberes para sensibilização e formação dos educadores e demais profissionais da educação com foco na garantia de direitos para todos os estudantes.

Palavras-chave: Cidadania, Educação inclusiva, educação e cidadania, políticas públicas



SARAU EXPRESSÕES POÉTICAS

Marcela Afonso Fernandez
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
marcela.fernandez@unirio.br

Resumo

Imbuída do sentimento de que “a beleza é tudo aquilo que você não dá conta de ver sozinho”, como disse uma vez o escritor Bartolomeu Campos de Queirós, propus o *Sarau Expressões Poéticas* com o objetivo de criar um *espaçotempo* de pausa, acolhimento, escuta e livre expressão para todos os participantes envolvidos na XII Semana de Educação Tânia Mara Tavares da Silva, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Entretecendo corpos, gestos, vozes e interpretações diversas, fomos movidos pela arte do encontro em meio a tantos desencontros (MORAES, 2018), partilhando a experiência de ler junto, em roda. Ressoando com as primeiras comunidades humanas que narravam e partilhavam suas histórias, o *Sarau Expressões Poéticas* foi um convite para ler o que nos afeta e atravessa (LARROSA, 2014).

A proposta metodológica do sarau, realizada na tenda do CCH desde 2018 (e no Google Meet, durante a pandemia), foi tecida coletivamente, a partir do desejo de cada participante, sem roteiros traçados de antemão ou demandas de proveito (SKLIAR, 2019). O estímulo a livre expressão suscitou a partilha de criações em prosa e poesia de estudantes escritoras/es presentes no sarau, a leitura de textos escolhidos por cada participante e trechos literários dispostos em rolinhos de papel dentro de uma caixa, no meio da roda.

Seguindo o fluxo do encontro, nos unimos ao *Sarau Educarte: sarau da Escola de Educação*. Olho no olho, encontrando a respiração do outro (FILHO, 2022), em uma roda que pulsa e expande, compartilhamos poemas, músicas, contos, microcontos, expantos e alumbramentos, entremeados pela arte da escuta afetiva. Nesse enredar criamos um bordado multicolorido.



Trilhando labirintos abertos pela literatura oral e escrita de todos os tempos e lugares, o *Sarau Expressões Poéticas* alargou vidas, mundos imaginários e ampliou sentidos para a palavra alada que nos move.

Traço então a nossa roda gira-gira
Em que os de ontem, os de hoje,
e os de amanhã se reconhecem
nos pedaços uns dos outros.
Inteiros.
(EVARISTO, 2017, p. 12)

Palavras-chave: sarau, expressões, leitura, partilha, literatura.

Referências:

- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro; Malê, 2017.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- MORAES, Vinícius de. **Samba da benção**. Tonga Editora Musical, 2018.
- SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- SILVA FILHO, Francisco Gregório. **Travessia: memorial de um contador de histórias**. São Paulo: Semente Editorial, 2022.



DIMENSÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO RACISMO AMBIENTAL

Mônica Soraya Alves Ramos Teixeira Ervilha
Escola de Educação - Unirio/Geasur
monicapetit@edu.unirio.br

Cristiane Alexandre da Silva
Escola de Educação - Unirio/Geasur
cristiane.silva@edu.unirio.br

Resumo

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir do seminário 2, das disciplinas: Ciências Naturais II, Educação a Distância e Informática na Educação, de Licenciatura em Pedagogia ministrado pelos professores: Celso Sanchèz, Leonardo Castro e Leila Lopes, respectivamente. Neste seminário foi proposto como trabalho final conjugarmos as três disciplinas de forma com que se complementassem. Com liberdade na plataforma ou veículo utilizado desde que atendesse aos critérios mencionados anteriormente. O tema Racismo Ambiental foi sugerido pelo professor Celso e acatado por termos integrantes do grupo que sofriam tal discriminação nos bairros de residência e teríamos a oportunidade de levantar e aprofundar questões sobre o tema. A partir da definição da temática formamos grupos para levantar o referencial teórico. Escolhemos a rede social *Instagram*, com página de nome “Confluencias22”, e compilamos materiais como músicas, podcasts, filmes, entrevistas, videoaulas, textos, arte e notícias, voltadas para professores de escolas públicas e/ou professores e professoras em formação preferencialmente, ou qualquer pessoa interessada no conteúdo, em espaço formal e não formal de educação para promover e ampliar os debates sobre o tema. Tendo em vista que, a partir de uma pesquisa em nossa própria turma, alguns já haviam sofrido Racismo Ambiental só não sabiam que existia uma denominação específica. Como consideração contínua, pois ainda estamos em processo de construção de saberes, constatamos o desconhecimento de grande parte das pessoas sobre o assunto, ampliamos o debate acerca do tema, partilhamos essa palestras em escolas públicas e, posteriormente, houve um convite, pelo coordenador do grupo de pesquisa Geasur, vinculado a faculdade de Educação da Unirio, para nosso convidado Jhone que ao participar da nossa apresentação trouxe suas vivências de nascimento e criação no nordeste brasileiro e as articulações a partir de uma visita feita pelo grupo de pesquisa a Aldeia Maracanã, localizada no bairro do Maracanã na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.



Palavras-chave: Racismo Ambiental, Educação de Base Comunitária, Práticas Pedagógicas, Educação Ambiental Crítica, Compartilhamento de Saberes





TRANSIÇÕES ENTRE ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE ACOLHIMENTO DOS ESTUDANTES NA PASSAGEM DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Olivia Maria Costa Silveira

Dados para um Debate Democrático em Educação
omaria.cs@gmail.com

Resumo

A oficina intitulada: Transições entre etapas da Educação Básica: uma proposta de acolhimento dos estudantes na passagem dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental teve como objetivo apresentar aos participantes o Modelo de Apoio à Transição (MAT) desenvolvido através do projeto: *Sexto ano, transições e participação: diagnósticos e intervenções no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, Pojuca-Bahia. Um projeto de pesquisa-ação.*

Com vigência entre julho de 2019 e dezembro de 2021, o referido projeto resultou de parceria firmada entre as Universidades Federais do Recôncavo da Bahia e do Ceará, Secretaria Municipal de Educação de Pojuca, Itaú Social e Fundação Carlos Chagas através do edital FIS 162 e teve como objetivo geral construir participativamente um Modelo de Apoio à Transição (MAT) do 5º para o 6º ano, como forma de trabalhar as transições vividas pelos adolescentes.

A construção do modelo considerou três eixos conceituais: adaptação do conceito de afiliação de Coulon (2008), relação com o saber de Charlot (1996) e adolescência. A metodologia teve suporte na pesquisa-ação entendida como conhecimento gerado à medida em que é aplicado, testado e incorporado coletivamente (THIOLLENT, 2006; PICHETH, CASSANDRE, THIOLLENT, 2016) e se desenvolveu em seis etapas: fase exploratória, fase diagnóstica, proposição do MAT, implementação-teste, avaliação/análise e fase de devolução para a comunidade escolar e Rede Municipal de Educação de Pojuca.

O Modelo de Apoio à Transição foi desenvolvido participativamente e apresenta oito estratégias e recomendações para as escolas e redes de ensino para que a transição entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental aconteça de modo mais eficaz e gere menos sofrimento aos envolvidos. São elas:



- 1) Escolha do(a)s profissionais para o 6º ano
- 2) Estratégias de enturmação
- 3) Política de pluridocência para os últimos anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental
- 4) Mapeamento da Rede Intersectorial de Assistência e Proteção à Criança e ao Adolescente
- 5) Interação entre escolas e profissionais do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais
- 6) Ações desenvolvidas pelas escolas para o acolhimento do(a)s aluno(a)s e favorecimento da afiliação nos Anos Finais do Ensino Fundamental
- 7) Grupo de Acompanhamento aos estudantes (GAE)
- 8) Estratégia Complementar- acompanhamento do(a)s professore(a)s.

Por fim, resalto que o Modelo de Apoio à Transição foi incorporado à política municipal de educação em Pojuca, Bahia.

Palavras-chave: Ensino Fundamental, Transição, Anos finais do Ensino Fundamental



AS MULHERES NO ENSINO SECUNDÁRIO: PRESENÇA FEMININA NO COLÉGIO PEDRO II

Paloma Rezende de Oliveira - UNIRIO
Nailda Marinho da Costa - UNIRIO
Elisabeth Monteiro da Silva – NUDOM/CP2
Fernando dos Santos Silva – CEPHEMED/DC
Luciana Borges Patroclo – UERJ
Hugo José Coelho Corrêa de Azevedo – Fiocruz
Matheus Gonçalves de Souza - IC UNIRIO
Maria Raquel Riehl de Carvalho – IC UNIRIO
Nicole Cordeiro Ribeiro Schmitt Cunha – IC JR CP2
Diana Silveira Firmo Negraes – IC JR CP2
paloma.oliveira@unirio.br

Resumo

O presente painel temático buscou dar visibilidade aos planos de trabalho desenvolvidos no âmbito do projeto de pesquisa intitulado: “O magistério como uma profissão feminina? Identidade docente e percursos profissionais das primeiras professoras do Colégio Pedro II”, coordenado pelas professoras Paloma Rezende de Oliveira e Nailda Marinho da Costa. Atualmente, o projeto conta com pesquisadores colaboradores de outras instituições, além de dois bolsistas de Iniciação científica (IC-Unirio) e duas bolsistas de Iniciação científica Junior (IC-JR Cnpq), cujas pesquisas foram apresentadas durante a XII Semana de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, de 2023, entre 12 e 18 de junho. Nicole Cordeiro Ribeiro Schmitt Cunha, aluna do Colégio Pedro II, Campus Centro, investiga: “O Ensino de Filosofia no CPII no Século XIX: um levantamento da primeira geração de professores”, buscando saber se no campo da Filosofia havia espaço para a docência feminina. Diana Silveira Firmo Negraes, também aluna na mesma instituição, estuda “A identidade docente do professor secundário: os impactos das reformas de ensino no Colégio Pedro II (Séculos XIX E XX)”; Maria Raquel Riehl de Carvalho, “O espaço das mulheres nos concursos públicos para docente do CPII”; e Matheus Gonçalves de Souza, “A produção intelectual das primeiras professoras do Colégio Pedro II”. Estas pesquisas estão envolvidas com os estudos acerca da identidade profissional do professor de ensino secundário e a presença feminina no quadro docente da instituição, demonstrando que até as primeiras décadas do século XX o ensino no Colégio Pedro II era ministrado exclusivamente por homens. Até os anos de 1970, nenhuma mulher ocupou as cadeiras dos professores catedráticos, listadas pelo dec. nº 6.884.



Cabe salientar que com a Reforma Campos, em 1932, o número de alunos gratuitos e professoras na instituição foi ampliado e com a Reforma Capanema, em 1942, ocorreu a institucionalização da formação de professores secundários que passou a ocorrer nas Faculdades de Filosofia, sendo importante ver qual o impacto desta formação na configuração da identidade das professoras do CPII e o impacto da produção destas professoras para o ensino secundário.

Palavras-chave: Ensino secundário, mulheres, Colégio Pedro II, reformas de ensino



FEIRA DE CULTURA: EDUCAÇÃO E ECONOMIA POLÍTICA

Paloma Rezende de Oliveira

Lilyan Pereira Moreira

Thais Regina da Costa de Jesus

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

paloma.oliveira@unirio.br

lilyan.p.moreira@edu.unirio.br

thaismarquesregina@gmail.com

Resumo

Este trabalho visa descrever como se desenvolveu o trabalho de monitoria nas disciplinas Educação e Economia Política e Dinâmica e Organização do Espaço Escolar, onde foi possível integrar ensino e extensão por meio da feira de cultura realizada na XII Semana de Educação da Unirio de 2023, sob a coordenação da professora Paloma Rezende de Oliveira. Esta atividade teve como tema “Os aspectos positivos e negativos do trabalho” e se deu com a participação dos graduandos do curso de Pedagogia noturno. Com base nos temas trabalhados nas aulas de Educação e Economia Política, tais como os conceitos básicos da economia política e sua relação com a educação, e de Dinâmica e Organização Escolar, que apresenta os reflexos das políticas públicas sobre o ambiente escolar, foi possível perceber seus impactos nas relações de trabalho. Nesse sentido, as monitoras auxiliaram a buscar estratégias de ensino para que os estudantes compreendessem como a reestruturação do processo produtivo atinge a profissão docente, a formação e a atuação profissional, levando-os a refletir sobre os projetos educacionais em disputa, sobre como a educação, entendida para além de sua relação com o processo produtivo, tem como objetivo a formação de capital humano, e sobre as condições que separam os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho e este como processo de produção de vida humana e gerador de cultura. Nesse sentido, a atividade integrou as monitoras no planejamento e elaboração de atividades de ensino e avaliação; promoveu maior engajamento do estudante nas atividades acadêmicas de ensino; incentivou o pensamento crítico, mediante o confronto da prática didática com os conhecimentos científicos. Para esta atividade, os alunos precisaram pensar em algo que os tocassem de uma forma mais profunda em relação à temática do trabalho, e puderam, de forma livre, escolher como iriam retratar essa questão no sarau, poderiam ser fotos, poemas, músicas, dança, cartaz, vídeo, teatro, paródias ou autorais, articulando o saber epistemológico ao estético.



Com a mediação das monitoras, os estudantes se empenharam e tocaram os participantes com sua criatividade, revelando alguns talentos artísticos. As apresentações se deram individualmente, dupla ou trio, à escolha dos 36 estudantes participantes, sendo a seguir apresentada uma pequena amostra dos resultados.

*“Tudo começou lá no Sertão
num lugar chamado Paraíso.
Onde, para viver, trabalhar não era preciso.
Bastava, para ter o alimento,
estender a mão à Árvore do Conhecimento.
Sem penúria, sem sofrimento.
Lá a vida era boa.
Os dias se passavam à toa.
Fosse com Sol ou debaixo de garoa,
não tinha competição, não tinha nada disso.”*

Trecho da apresentação do aluno Alexandre Macedo de Camargo, que fez uma linda citação que emocionou a todos.



Dois alunos trouxeram a experiência como docentes de uma atividade feita por uma turma de educação infantil sobre as obras de Van Gogh. Os alunos trouxeram para a pauta a acessibilidade que crianças com uma situação econômica favorável têm à cultura e educação, e como expressões artísticas normalmente não são tão bem trabalhadas em escolas públicas na mesma faixa etária. Isso é algo que acontece por vivermos em uma sociedade capitalista onde existe a diferença de classes.



Neste trabalho de autoria, a aluna descreve, a partir de uma pintura, uma jornada excessiva que pode ser tanto de trabalho quanto de estudo, direto na frente da tela, que é algo prejudicial à saúde.



MESA REDONDA: ATUAIS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

Paloma Rezende de Oliveira (mediadora)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO
paloma.oliveira@unirio.br

Ramon Mendes da Costa Magalhães (palestrante)
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Amanda Moreira da Silva (palestrante)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ

Resumo

A mesa redonda “Atuais desafios para a educação pública” é uma iniciativa dos projetos de ensino: “O contexto da pandemia e ameaças à democracia: reflexos sobre a educação” e “Reflexões sobre a retomada do PNE e o sentido público da educação”, vinculados às disciplinas Educação e Economia Política e Dinâmica e Organização do Espaço escolar, que constituem o programa de ensino do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e são ministradas pela professora Paloma Rezende de Oliveira, do Departamento de Fundamentos da Educação. O objetivo desta atividade que integra a XII Semana de Educação "Tânia Mara Tavares da Silva" de 2023, realizada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO -, entre os dias 12 e 18 de junho, visa articular ensino e extensão, convidando os professores Ramon Mendes da Costa Magalhães, da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais – UEMG, e Amanda Moreira da Silva, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ, familiarizados com as políticas públicas em espaços escolares e com os debates sobre privatização na educação e precarização do trabalho docente. A relevância desta proposta está no fato de que nas últimas décadas a sociedade passou por inúmeras mudanças na sua estrutura produtiva e social, impactando diretamente na formação humana e no trabalho docente. A ofensiva empresarial e gerencial sobre a educação tem produzido formações cada vez mais técnicas e relativistas, esvaziadas de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos. Isso tem afetado também a formação de professores e o trabalho docente, levando a formas cada vez mais precarizadas de trabalho docente. Essas mudanças se tornam um desafio para a Educação Pública, que cada vez mais, está envolvida em relações entre o público e o privado, e em condições de precarização do Trabalho docente. Discutir e produzir formas de resistência a esses processos são fundamentais para construção de uma Educação Pública de qualidade e socialmente referenciada.

Palavras-chave: Políticas públicas, trabalho docente, educação pública.



DECOLONIZAÇÃO DE MUSEUS: ÓCULOS DE REALIDADE VIRTUAL COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE A ESPAÇOS CULTURAIS

Rachel Sobral de Freitas
Escola de Educação - Unirio
racfreitas@edu.unirio.br

Gabriela Elmôr Gonçalves
Escola de Educação - Unirio
gabrielaelmor@edu.unirio.br

Catarina Menezes Medeiros
Escola de Educação - Unirio
catarina@edu.unirio.br

Mônica Soraya Alves Ramos Teixeira Ervilha
Escola de Educação - Unirio
monicapetit@edu.unirio.br

Resumo

A oficina surgiu como desdobramento do trabalho de conclusão do seminário Confluências Pedagógicas. A partir da pesquisa realizada sobre museus, entendidos como aparelhos de cultura formal, identificamos seu potencial pedagógico na formação docente em diálogo com o campo da educação científica. Museus são instrumentos de transmissão da história cultural de um povo, da evolução humana, sociedade, meio ambiente, artes e outras áreas. Historicamente construídos pela elite, para a elite dominante, é importante que a comunidade acadêmica e estudantes das licenciaturas se apropriem desses espaços culturais, problematizando e desconstruindo a visão eurocêntrica posta. Por essa multiplicidade de possibilidades, compreendemos que os profissionais e entusiastas da educação, carecem de capacitação para utilização de tours virtuais de museus e espaços de educação não formal como ferramenta pedagógica, e para produzir os óculos de realidade virtual, tornando as aulas mais atrativas e interativas. Nosso objetivo é orientar e despertar o interesse de profissionais da educação, estudantes e responsáveis que possam promover esses passeios. Para tal intento, desenvolvemos um Padlet sistematizando as informações a partir do georreferenciamento e produzimos um protótipo de óculos de realidade virtual com materiais acessíveis e de baixo custo. A oficina foi realizada na sala LAMED do CCH, que dispõe de melhor infraestrutura para possibilitar integração entre os participantes. Em cada estação montada, disponibilizamos kit com materiais necessários para montagem dos óculos. Iniciamos com projeção de uma breve apresentação sobre o projeto. Na segunda etapa, realizamos a parte prática, com a montagem de um óculos completo, enquanto o vídeo com tutorial era reproduzido.



Após a produção do passo a passo, desafiamos os participantes a montarem um protótipo em grupo, usando como base o teor ensinado. Os grupos iniciaram o processo, enquanto a equipe proponente orientava nas mesas e dirimia dúvidas. Após a montagem, verificamos que todos os grupos produziram os óculos funcionais, que foram testados com conteúdo escolhidos de forma aleatória no padlet. Os grupos ficaram com os óculos produzidos. Com a realização da oficina, pudemos perceber que a utilização de tours virtuais e recursos tecnológicos possibilita uma abordagem inovadora na educação, aproximando a formação docente dos espaços não formais, demonstrando que museus são locais de se aprendizagem e ampliação de conhecimento.

Palavras-chave: realidade virtual; estratégias pedagógicas; formação docente; educação tecnológica





DIÁLOGOS ENTRE AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Regina Affonso
reafonso147@edu.unirio.br

Monica Ervilha
monicapetit@unirio.br
UNIRIO

Resumo

Promover a agroecologia dentro do ambiente universitário garantindo a formação integral, exercitando o diálogo entre saberes e viveres com a comunidade, articulando representantes da agroecologia carioca e da comunidade acadêmica para troca de experiências e debates a favor da educação democrática. Dentre os principais objetivos de nosso grupo de articulação estão: a promoção do tema agroecologia dentro do ambiente universitário exercitando o diálogo de saberes, incrementar processos pedagógicos nas atividades conjuntas de construção do conhecimento, a criação de grupo de estudos para leituras e organização das atividades práticas, a construção de parcerias com outros núcleos e movimentos sociais, o desenvolvimento de práticas de plantio e hábitos de consumo regular de cultivares não tradicionais, das plantas alimentícias não convencionais. Este trabalho teve início com a construção do estudo “Agroecologia Urbana e Educação” para a disciplina Confluências Pedagógicas, da Pedagogia UNIRIO, apresentando iniciativas importantes para o diálogo entre agroecologia e a formação de educadores. Iniciativas apresentadas: Quintais Produtivos da Colônia, Favela Orgânica, AS-PTA e SEDUC. Nosso propósito é articular práticas agroecológicas com a educação na UNIRIO. Atuamos em rede integrando atividades propostas por diferentes profissionais da instituição. O propósito de articular as pessoas do ambiente acadêmico é acima de tudo promover o encontro com a terra e a troca de saberes, sinalizando ao educador em formação a importância de seu papel na construção do conhecimento agroecológico. O estudo e o cultivo de práticas agroecológicas no ambiente da UNIRIO, considerando a interseção e os saberes dentre os distintos cursos, pretende expandir-se para a criação de um núcleo de educação, pesquisa e práticas agroecológicas. Este trabalho é um convite a reflexão, ao pensar sobre a construção do conhecimento agroecológico e sua importância para a formação integral do cidadão, exercitando o diálogo entre saberes e viveres com a comunidade, articulando representantes da agroecologia carioca e da comunidade acadêmica para troca de experiências e debates a favor da educação democrática.

Palavras-chave: Agroecologia, Pedagogia, Trocando saberes.



Fotos da Roda de Conversa realizada na XII Semana de Educação



Foto do encontro no Projeto Favela Orgânica, no morro Babilônia





GESTÃO EM FOCO: UM DEBATE SOBRE A GESTÃO ESCOLAR E OS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM

Rosângela Cristina Rocha Passos Felix
Unirio
rosacris.passos@gmail.com

Ana Cristina Prado de Oliveira
Unirio
Ana.oliveira@unirio.br

Elisângela da Silva Bernado
Unirio
efelisberto@yahoo.com.br

Resumo

A mesa redonda esteve sob a coordenação da Mestra em Educação pela Unirio, Rosângela Felix e contou com a mediação das professoras: Dra. Ana Cristina Prado de Oliveira e Dra. Elisângela Bernado. A atividade teve como convidado o Dr. Marcelo Nascimento, que possui Mestrado e Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atualmente é Coordenador de Apoio a Gestão Escolar na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro- SMERJ. Ao longo dos anos, os estudos sobre a qualidade da educação apontam para diversos fatores que podem contribuir para a sua melhoria. Esses estudos podem influenciar na implementação de políticas públicas em Estados e Municípios que buscam por esse objetivo. Atualmente, um dos fatores ressaltados, seja pelo compartilhamento de boas práticas, por estudos empíricos ou abordagens teóricas, é a gestão escolar. Considerando isso, o objetivo da atividade foi promover um debate sobre a gestão voltada aos resultados qualitativos e quantitativos de aprendizagem, abordando questões sobre a importância do diretor escolar no engajamento de toda a equipe escolar na busca da melhoria dos resultados de aprendizagem. O evento contou com a participação de estudantes e pesquisadores que levantaram questões relevantes sobre a temática e, nosso convidado, que com base nos seus estudos e sua experiência, e com a mediação das professoras, ressaltaram a importância da gestão escolar para a melhoria nos resultados de aprendizagem. Ao final, houve o lançamento do livro “Política, Gestão e Formação: Diálogos Possíveis”, organizado pelos professores Dra. Elisângela Bernado (Unirio) e Dr. Antonio Gomes Ferreira (Universidade de Coimbra), com autores do Grupo de Pesquisa Políticas, Gestão e Financiamento em Educação-POGEFE.

Palavras-chave: Gestão escolar; Qualidade na educação; Desempenho escolar.

